

3 - MAY 27
PPY 1959

COM PALAVRAS E MEIAS MEDIDAS GOVERNO NÃO BARRARÁ CARESTIA

(REPORTAGEM NA 11.ª PÁGINA)

ANO I — Rio, Semana de 28 de agosto a 3 de setembro de 1959 — N.º 27

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

DEPUTADO FERNANDO SANTANA NA CAMARA:

**TÔDAS AS CONDIÇÕES PARA O
REATAMENTO
SÓ FALTA UM ATO DE CORAGEM
DO GOVERNO**

(NA 6.ª PÁGINA, INTEGRA DO DISCURSO DO PARLAMENTAR BAIANO)

A LUTA E O ÚNICO CAMINHO

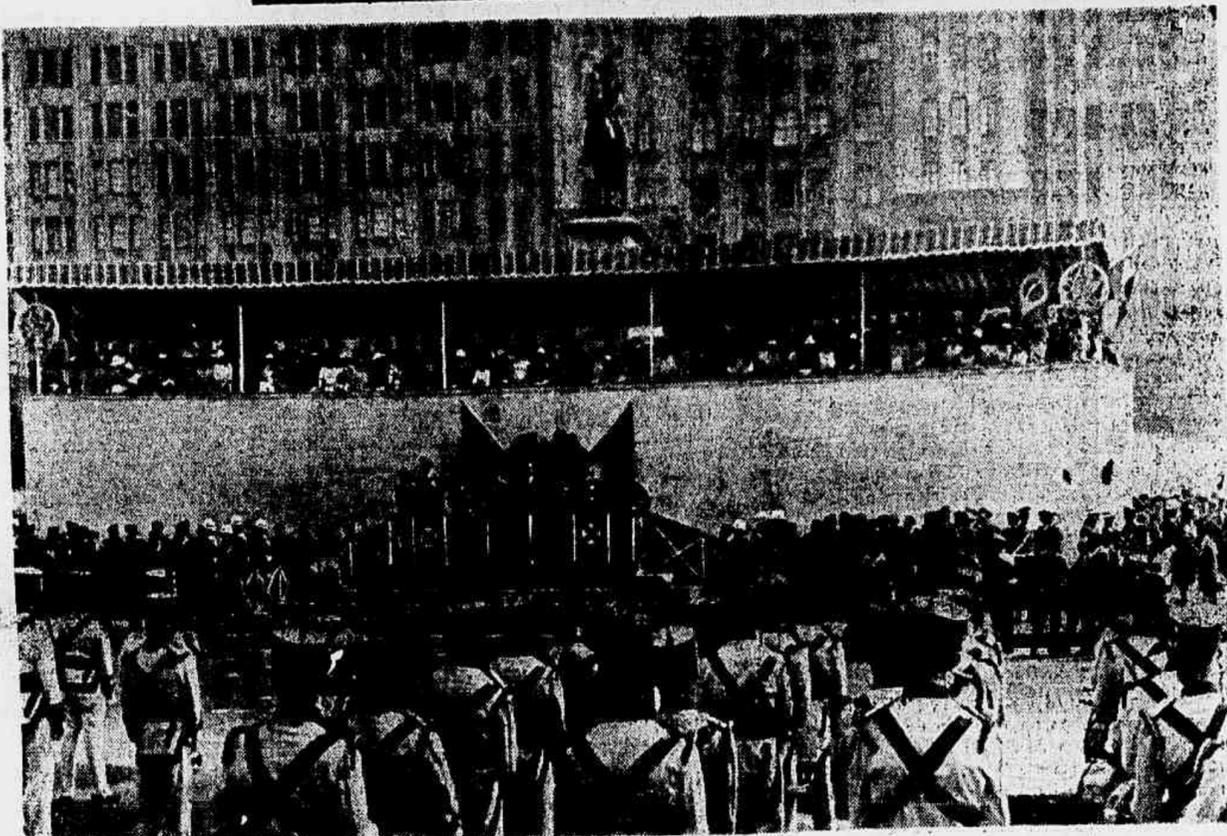
A onda vertiginosa de aumentos que se abate agora sobre a população, anulando por completo as pequenas vantagens obtidas com a elevação do salário mínimo, demonstra que não passaram de promessas vãs os compromissos assumidos pelo Presidente da República de que poria termo à ascensão do custo de vida. O que as próprias estatísticas oficiais revelam é que, ao contrário das perspectivas otimistas indicadas pelo sr. Juscelino Kubitschek, só nos últimos meses os preços se elevaram em nada menos de 25 por cento.

É desnecessário acentuar o que isto representa como fator de agravamento das condições de vida das grandes massas, principalmente dos trabalhadores. Os salários e vencimentos valem cada vez menos, enquanto crescem a insatisfação e a revolta nas fábricas e escritórios, em cada bairro e em cada lar. O povo brasileiro não pode contar a sua indignação em face das dificuldades dia a dia maiores que enfrenta para satisfazer as suas necessidades mais vitais.

Os trabalhadores e o povo não têm dúvida em reconhecer no Governo o responsável por esta situação. A verdade é que o sr. Juscelino Kubitschek, apesar do gesto dramático com que anunciou recentemente que chegaram ao fim os aumentos de preços, não adotou, e obstina-se em não adotar, as medidas efetivamente capazes de pôr cõbra à carestia da vida. Essas medidas têm sido insistentemente apontadas tanto no Parlamento, como pelas organizações sindicais e populares. No entanto, em lugar de seguir o rumo que lhe indicam as forças nacionalistas e democráticas, limita-se o Governo a repetir promessas e, quando muito, a lançar ameaças ou a substituir alguns dos seus auxiliares imediatos. Não se vêem, entretanto, as providências concretas no sentido de aumentar a produção agrícola e, menos ainda, de realizar uma política cambial que, em vez de beneficiar os monopólios norte-americanos, contribua para aliviar a insuportável carga que pesa sobre o nosso povo. E enquanto semelhantes medidas não forem adotadas, com toda seriedade, no firme propósito de servir às massas, o único resultado será o aumento incessante da carestia de vida.

São os trabalhadores, naturalmente, os que mais sofrem as consequências dessa deliberada inoperância do Governo. Por isso, são também os trabalhadores os que mais decididamente protestam contra este estado de coisas e lutam para que o sr. Juscelino Kubitschek deixe de lado as sucessivas promessas e passe à ação prática e eficiente. A pressão das massas sobre o Governo não tem cessado nos últimos meses. Contudo, não atingiu ainda a força capaz de levar o sr. Kubitschek a mudar de rumo, a seguir uma política voltada para os interesses do povo, que possa na realidade conter o crescimento vertiginoso das dificuldades que atingem a população e fazem de sua vida um sofrimento dia a dia maior.

A dura experiência das massas mostra que não há outro caminho para os trabalhadores e o povo senão este: pressionar cada vez mais o Governo, lutar com uma firmeza e uma decisão sempre maiores, exigindo a adoção de uma política que reflita de fato as suas necessidades e os seus anseios. Somente através da luta, com a participação efetiva das grandes massas, será compelido o Governo a imprimir à sua política os rumos que o povo espera e exige.



DE QUEM A CULPA? — O incêndio que destruiu o prédio n.º 290 da Rua Buenos Aires, na noite de sábado para domingo último, consternou a cidade. Três valorosos bombeiros perderam a vida no combate às chamas e tentando salvar as famílias que habitavam o edifício. Um dos moradores morreu também entre as labaredas e os escombros. O acontecimento teve o aspecto de uma tragédia da qual resultaram ainda dezenas de feridos e cerca de 40 famílias desabrigadas. Edifícios vizinhos também ruíram, espalhando-se o pânico entre os seus locatários. Agora pergunta-se: de quem a responsabilidade e pelas perdas das vidas humanas e os danos materiais? A causa do incêndio foi a existência de um depósito de combustível em lugar inadequado e, por lei, interdito a inflamáveis. Há o crime apenas do do no do depósito? Ou também da Prefeitura, que permite essa infração da lei? Não será esta a principal culpada? Anuncia-se agora que as famílias dos mortos receberão uma indenização de 450 mil cruzeiros. Mas as vidas perdidas não têm compensação. E elas exigem a rigorosa punição dos responsáveis pela tragédia.

PAPEL DO EXÉRCITO —

Diversas comemorações assinalaram a passagem, a 25 do corrente, do «Dia do Soldado». Na Câmara Federal, o evento foi saudado pelos deputados Seixas Dória e Mendes de Moraes, ambos frisando a enorme contribuição do Exército Brasileiro à solução dos problemas nacionais, não apenas no plano histórico, mas também na atualidade. Como acordo todos os anos o ponto alto das comemorações foi o desfile diante do Panteão de Caxias, onde, de um palanque armado, o presidente da República e o ministro da Guerra falam sobre a data. Em seu discurso, o presidente da República destacou o papel do Exército na manutenção da unidade nacional e de um clima de respeito às instituições democráticas, num momento em que o Brasil assume a responsabilidade de traçar uma política mais firme no plano Exterior. No clichê, um aspecto das comemorações na Praça da República.

TRABALHADORES NÃO CONCORDAM EM CARREGAR PÊSO CARESTIA

Ferrovários, aeronáutas, estivadores, bancários, têxteis, pedreiros, alfaiates, eletricitistas, empregados na construção civil e em hotéis lutam por aumento de salários — (Reportagem na 11.ª página)

FUSAO DF-RJ OU ESTADO DA GUANABARA?

(Na 7.ª página, a opinião de Astrojildo Pereira e Manoel de Oliveira)

O MUNDO QUE EU VI

Iniciamos hoje, na 4.ª página, a publicação de uma série de crônicas de ENEIDA com impressões da visita que recentemente fez a países socialistas

Partidários De Lott Organizam-se Para a Campanha

PRESTES E JURACI

Ocuparam destaque lugar no noticiário político dos últimos dias as especulações em torno de um encontro que se realizaria em Salvador entre o ex-senador Luis Carlos Prestes e o governador Juraci Magalhães.

Deu lugar, certamente, a essas especulações a próxima viagem que Prestes fará à Bahia, atendendo a convite de amigos e correligionários seus naquele Estado. A viagem do líder comunista estava programada já há várias semanas e, segundo estamos informados, deverá ser realizada em meados do mês vindouro. Visitas semelhantes tem feito Prestes a vários Estados, inclusive de Norte do país.

Líder de uma corrente política e dirigente popular de reconhecido prestígio, não pode causar estranheza que, visitando os vários Estados, Prestes entre em contato com as suas figuras representativas, particularmente do mundo político. Que haveria de mais, portanto, no fato de, indo à Bahia, encontrar-se Prestes com o governador desse Estado que é, além de mais, uma personalidade política de situação nacional? Os encontros e entrevistas entre dirigentes políticos são um fato absolutamente normal na vida democrática.

Isto foi, aliás, justamente assinalado pelo sr. Juraci Magalhães em declarações feitas a imprensa baiana a propósito das especulações surgidas na imprensa carioca em torno do propalado encontro.

A viagem de Prestes à Bahia, onde receberá as homenagens de seus correligionários e amigos daquele Estado, terá lugar, como dissemos, nos primeiros dias de setembro.

A campanha eleitoral do marechal Teixeira Lott, a que parece começa a entrar numa fase de trabalho mais ativa e organizado. Os dirigentes da campanha enquanto se prepara a recepção oficial do PSD ao seu candidato, possivelmente ainda esta semana, estão preocupados em dar à campanha, desde já, um sentido popular, principalmente através da criação do maior número de comitês, congregando personalidades e simples homens do povo.

No Rio, alguns desses comitês foram ou estão sendo organizados. Na última semana foi estruturado o Comitê pro-Lott da Zona Sul, sendo instalada a sua sede num apartamento da Rua Jardim Botânico. Esse comitê já realizou uma primeira reunião coletiva, com a participação de representantes dos moradores dos bairros de Leme e Santa Isabel. Mais cinco comitês de bairro foram ainda instalados em Copacabana. Na zona Norte foi



Lott

mane passada o comitê de Penha numa solenidade em que diversos oradores manifestaram a confiança de que sendo eleito em 1960, o marechal Teixeira Lott realizaria um governo nacionalista e voltado para o atendimento das necessidades do povo.

Da mesma forma, em São Paulo vêm surgindo nas últimas semanas vários comitês pró-Lott. Nesse Estado, os dirigentes da campanha deram início a uma intensa propaganda da candidatura, através de diferentes cartazes de orientação nacionalista.

Outras organizações desse tipo devem ser instaladas na Capital nas próximas semanas, segundo informações prestadas pelos dirigentes do movimento pró-Lott.

PROGRAMA COMUM

Quando se na capital «cidadãos tiveram início as reuniões tanto da chamada Comissão de Atrito — que se destina a discutir e encaminhar a solução dos problemas existentes nas áreas em que há atritos entre o PSD e o PTB — como da comissão que tem por objetivo a elaboração do programa comum da candidatura de Lott, chamado pelo PTB

Com a esperança de um manifesto comum, os partidários de Lott e os trabalhistas acerta de importantes problemas que deverão ser resolvidos no «programa comum». Quanto à reforma agrária, por exemplo, cuja solução, segundo todos os setores progressistas, vem sendo sabido que alguns setores trabalhistas mais reacionários — entre eles, o sr. Roberto Capanema, membro da comissão — procuram evitar de toda espécie de reformas imediatas que sejam apontadas no programa atualizadores realmente capazes de abrir caminho para a eliminação do monopólio da terra e para garantir de fato aos camponeses o acesso à terra.

O mesmo se verifica quanto à questão dos limites das empresas de lucros pelas empresas estrangeiras. Sobre a matéria, existem já na Câmara diversos projetos de inspiração nacionalista, particularmente os do deputado Sérgio Magalhães. A bancada possedista, no entanto, apesar de concordar com a discussão dos projetos Sérgio Magalhães, estaria inclinada a não permitir a sua aprovação apresentando substitutivos que mutilariam a própria essência dos projetos. Solução idêntica pensariam os possedistas em dar ao projeto do trabalhista Teófilo Pereira sobre a reavaliação do ativo das empresas concessionárias de serviços públicos.

CONVENÇÃO DO PSD

Os partidários mais entusiasmados de Lott no PSD estão redobrando sua atividade no sentido de vencer os chamados «bolseiros de resistência» existentes ainda na direção do partido majoritário, tendo em vista assegurar a realização em novembro da Convenção Nacional possedista para a homologação definitiva da candidatura de Lott, para os quais o sr. Juraci Magalhães são manobras tentadas ainda contra o marechal da Guerra.

JANIO E ROCKEFELLER: QUE SERIA DA PETROBRAS?



Uma declaração de Janio e um pronunciamento sobre Janio, ambos divulgados na última semana, vieram comprovar mais uma vez o caráter entusiasta da candidatura do ex-governador de São Paulo.

Falando na Europa às agências telegráficas, e depois de manifestar o desejo de estender sua atual viagem em volta do mundo, Janio afirmou ser um velho amigo de Nelson Rockefeller, adiantando, textualmente: «Ele conhece bem os nossos problemas, assim como nós conhecemos os seus». Não há necessidade de dizer quem é Nelson Rockefeller, o «big-boss» da Standard Oil, odiado espoliador de povos subdesenvolvidos e que, em relação ao Brasil, dirige todas as manobras visando liquidar a Petrobrás a fim de conquistar o absoluto domínio sobre o nosso petróleo. Nem é difícil compreender o que pretende o sr. Janio Quadros quando apresenta Rockefeller como um amigo do Brasil e um conhecedor dos nossos problemas.

E O PETRÓLEO

Se ainda houvermos qualquer dúvida quanto ao sentido da declaração de Janio, ela seria desfeita pelos esclarecimentos prestados pela «Hanson's Letter». O último número desta publicação dos círculos de negócios dos Estados Unidos, referindo-se à situação do Brasil e à próxima campanha eleitoral, revela aberta preferência

pelo sr. Quadros. E diz porque, sem nenhum subterfúgio: «Em termos práticos, Washington considera Janio Quadros como o único candidato capaz de abrir as portas à Frondizi para as companhias petrolíferas estrangeiras, e o único candidato inteiramente apto a dar esse passo se for eleito».

As declarações de amor de Janio a Rockefeller e as afirmações da «Hanson's Letter», se combinam perfeitamente e, juntas, dão o perfil exato do candidato lacerdista que, quando governador de São Paulo, já havia prometido que a sua primeira providência, caso se elegesse presidente da República, seria pôr abaixo a Petrobrás.

FALA "TIME"

A confiança depositada em Janio pelos monopólios imperialistas é incondicional. Eles «conhecem bem os seus problemas... E' o que revela o último número da revista «Time», outra publicação dos círculos imperialistas de Washington e cujo apoio a Janio já foi dado há tempos. Refere-se «Time» à viagem de Janio a Moscou e às suas declarações favoráveis ao imediato reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a URSS. A revista de Mr. Luce demonstra absoluta tranquilidade quanto a essas declarações, explicando que elas expressam «mais um propósito político do que mesmo seriedade». E, insistindo no apoio dos imperialistas a Janio, esclarece que é tão sólida a confiança dos monopólios (inclusive o ex-governador de São Paulo, que «ele pode dar-se ao luxo de fazer tais pronunciamentos».

Como vemos, cada dia que passa torna-se mais evidente para o povo brasileiro e para todos os sinceros nacionalistas o verdadeiro conteúdo da candidatura Janio Quadros: uma candidatura entreguista e antipopular.

FARESP, Comerciantes e Industriais De São Paulo Apóiam Láfer: REATAMENTO

Após regressar de Santiago do Chile, passando pelo Aeroporto de São Paulo, o Ministro do Exterior Horácio Láfer declarou à imprensa que a questão do reatamento de relações com a União Soviética seria a primeira a ser enfrentada por ele, no Rio. A um jornalista que o lembrava de pronunciamentos anteriores do Departamento Político do Itamarati, contrários ao reatamento disse o Sr. Láfer que a visita de Kruschiov aos Estados Unidos «representava uma mentalidade nova ao sistema de relações internacionais», que invalidava tais pronunciamentos.

Reafirmou dessa forma o Ministro do Exterior, seu discurso de posse, quando, declarou, que sua gestão no Itamarati seria marcada pela busca de novos mercados para o Brasil, e confirmou que o problema do reatamento com a URSS está na ordem do dia, e pode e deve ser resolvido imediatamente.

Outro pronunciamento importante, nesse sentido, foi emitido pelo Sr. Clóvis dos Sales Santos, Presidente da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo (FARESP). Disse ele, comentando ainda, para a imprensa, as declarações do Sr. Horácio Láfer: «A FARESP sempre se bateu pelo reatamento de relações não só com a Rússia, mas com todos os países socialistas».

Também o Sr. José Ermirio de Moraes, Diretor da Federação das Indústrias de São Paulo, declarou à imprensa que as relações com a URSS «já deviam ter sido reatadas há muito tempo. Não é justo que os Estados Unidos, país líder do mundo da política econômico-financeira da América Latina, tenha relações com a URSS e os países como o Brasil sejam impedidos de comerciar com os soviéticos».

A Direção da Federação do Comércio de São Paulo, por outro lado, comunicou à imprensa que enviou um ofício ao Itamarati dando seu apoio a qualquer iniciativa tomada por este Ministério no sentido de serem restabelecidas as relações com a União Soviética e os países socialistas com os quais o Brasil ainda não mantém relações.

A UM RIO QUE AVANÇA NÃO SE OPÕE BARREIRA

«A um rio que avança não se opõe barreira, dá-se-lhe curso!» Esta afirmação constitui o fecho de um discurso pronunciado sexta-feira última, na Câmara, pelo sr. Almino Afonso, do PST do Amazonas.

Discorreu o representante amazonense sobre a política econômica financeira do governo. Essa política, afirmou o orador, está levando a indústria nacional à caputulação. Muitos industriais brasileiros, não podendo competir com as empresas estrangeiras beneficiadas, por um curioso sistema de protecionismo às avessas, têm sido obrigados a se associar ao capital estrangeiro, passando inteiramente ao seu controle.

O sr. Almino Afonso teve-se particularmente na crítica da atual política de crédito, conside-

Fora De Rumo



Janio Quadros é hóspede de Salazar e a imprensa da ditadura portuguesa passa a se dedicar ao endoamento do fenômeno sul-americano. Seu sorriso aberto, seu olhar compreensivo e quase doce, foram notados por um agudo repórter do «Diário Ilustrado» de Lisboa. Janio, depois de exposto assim à curiosidade de certos setores lisboetas, recolheu-se, para descansar, à Quinta de Gondarém. Há sempre um comendador disposto a receber numa quinta, viajantes do tipo de Janio. Lacerda, depois da aventura do «Tamandaré», também acabou recebido numa quinta.

O fato curioso da passagem de Janio por Portugal parece ter sido a declaração a respeito do surgimento de novas nações, entre as quais mencionou o Egito e a Índia, que na verdade figuram entre as mais velhas do mundo. Dizer isso na terra de Vasco da Gama e de outros descobridores de verdade é muito forte! Quanto teria tirado Janio em História, nos ginásios de Mato Grosso?

Em mais de uma denúncia, partidas de mais de um setor, o sr. André Malraux já foi apresentado aos brasileiros como emissário do general De Gaulle incumbido de exercer pressão junto ao governo do sr. Kubitschek, no sentido de que tomemos posição na ONU em favor dos sanguinários colonialistas franceses e contra o povo da Argélia que luta por sua independência.

Malraux fez visitas protocolares à Câmara e ao Senado. A fim de recebê-lo, postou-se nas escadarias do Palácio Tiradentes o deputado Raimundo Padilha, que o Livro Azul norte-americano denunciou como quinta-coluna. Enquanto que no Monroe o sr. Malraux foi recebido pelo sr. Filinto Müller, cujas ligações com a Alemanha de Hitler, antes de nossa entrada na guerra contra o Eixo, eram notórias.

Afinal de contas, não há diferenças essenciais entre a política de Hitler e a dos colonialistas franceses. Quanto aos métodos de violência, são exatamente os mesmos.

Malraux, Padilha e Filinto, certamente, se entenderam (com intérpretes) às mil maravilhas. O visitante abandonou o passado de combatente republicano da Espanha, alinhou-se à política de banimento dos espíritos. Padilha e Filinto, hoje, apresentam-se como democratas.

O grande chefe, da visita de Malraux ao Senado foi o discurso do sr. Afonso Arinos em francês. No vosso sangue, na vossa ação, na vossa palavra, na vossa vida sr. Ministro, nós sentimos a força e a presença constante de vossa pátria», disse Arinos.

Não se sabe se presença o sr. Arinos encontra-se realmente submetesse Malraux a um exame de sangue. Quanto à sua ação e pensamento atuais, nada têm a ver com sua própria ação e pensamento de um passado que trairu, trôpo o que há de mais glorioso na história da França.

Juracisistas Admitem Vitória Na Convenção Da UDN

Candidato abertamente em duas alas — uma pró-Janio, outra pró-Juraci — encontra-se a UDN mergulhada numa crise dia a dia mais estensa e mais profunda, cujas consequências não podem ser ainda previstas por completo.

O mais importante fator da crise é, evidentemente, a posição da UDN em face da sucessão presidencial. Dois blocos formaram-se aqui, e cada dia que passa é mais nítido o seu antagonismo. O sr. Carlos Lacerda tornou-se o líder janista da «eterna vigilância», precipitando-se em apoiar o ex-governador de São Paulo e comprometer o seu partido com a candidatura de Janio. O chefe do Clube da Lanterna viu em Janio o candidato das forças mais reacionárias e entreguistas e concluiu que tudo devia fazer a UDN, sem demora, visando manter e reforçar essa candidatura.

Mas já então existiam na UDN os partidários de uma «candidatura própria», inicialmente sem focalizar claramente um nome determinado, mas logo evoluindo para se fixar no nome do sr. Juraci Magalhães. Era o grupo chamado «realista», com manifestas inclinações para

uma linha de aproximação com o governo federal. Os juracisistas aceitaram o desígnio de Lacerda, passando a um trabalho de arregimentação de forças, não só na própria UDN como também em outras áreas.

EUROPA E NORDESTE

E não há dúvida de que os «realistas» conseguiram, até o momento, importantes êxitos contra o lacerdismo. O governador da Bahia aparece hoje não só em entendimentos ostensivos com o sr. Ademar de Barros, mas com uma situação ingênuamente favorável em vários Estados do Nordeste, particularmente naquelas em que foram eleitos governadores udenistas, inclusive o mais importante deles, Pernambuco.

Enquanto o campo de ação de Lacerda se transfere para a Europa — onde o chefe do Clube da Lanterna vive atrás do sr. Janio Quadros, de Londres para Vigo — o sr. Juraci Magalhães prefere atuar nas terras ressequidas do Nordeste, procurando reunir em torno de seu nome forças efetivas, capazes de impor sua possível candidatura a próxima Convenção udenista.

Já agora, elementos ligados ao governador da Bahia admitem abertamente que o sr. Juraci está em condições de submeter a uma derrota os seus adversários lacerdistas, afastando a UDN do apoio a Janio e levando a aprovar a sua própria candidatura. Daí a indiferença com que tem recebido a perspectiva de sua aproximação como se coisa em que parece estar tão interessado o sr. Lacerda.

AFASTAMENTO DA LIDERANÇA

Qualquer que seja o rumo que tomem as coisas no seio da UDN, parece inevitável que um dos primeiros resultados



Gov. Juraci Magalhães

FESTIVAL CINEMATOGRAFICO DE MOSCOU

O MUNDO QUE EU VI

ENEIDA

CRIANÇAS

Hoje, como ontem e no passado, andam os jornais cheios de más notícias sobre nossas crianças. Fotos contam que, numa instituição pró-infância, foram encontrados meninos e meninas dormindo num banheiro, sobre o frio lajedo, enquanto as camas, em dormitórios, mantinham alvos lençóis e bons colchões só para os visitantes verem. Não há escolas, dizem os matutinos e vespertinos. Uma revista publica grande reportagem sobre prisões de menores encontrados aqui e ali, esmolando uns, prostituídas outras, outros presos porque comiam «atos imorais». Tudo isso enche de melancolia este meu velho coração. Os anos passam, a vida corre e o problema da criança brasileira continua sem solução, problema que é agitado incessantemente pelos jornais onde sempre aparecem juizes de menores declarando isto e aquilo, propondo medidas que afinal dão numa só: internamento no SAM, liquidação da criança, prisão, espancamento, fome e desgraça.

Eu vi crianças felizes: trago nos olhos, no coração, gravado pa-

ra sempre em mim, as crianças felizes da Tchecoslováquia, da URSS, da China. Conto uma história: conheci em Praga um meninozinho chamado João (traduzi logo seu nome). Sua mãe era minha intérprete, a segunda que mereci dos tchecos na minha segunda viagem à Tchecoslováquia. Conversávamos e perguntei-lhe, através da mães, se ali não havia mendigo. Perguntou: — Mendigo, o que é isso? Expliquei-lhe a tristeza das mãos estendidas pedindo esmolas. Ele olhou para mim com grande espanto e disse à mãe: — Essa mulher sabe cada coisa...

Talvez porque eu tenha visto tantas e tantas crianças felizes no mundo socialista, esteja agora muito mais triste e amargurada com o destino dos pequeninos brasileiros. Quando os governos cuidarão deles sem cadeia, sem SAM?

Como é bonito e bom vê-los enchendo jardins, escolas, frequentando museus, tendo seus palácios que eles próprios dirigem. Felizmente há muitas crianças felizes no mundo.



Marina Vladi e Dawn Adams são vistas na foto durante uma recepção no Parque Gorky. Os moscovitas puderam ver e aplaudir as atrizes e cineastas que ali compareceram para abrilhantar o Festival Internacional de Cinema

TEATRO

«ANJO DE PEDRA»

Parece que dessa vez o Teatro Brasileiro de Comédia superou definitivamente a crise que vinha atravessando há dois anos. Nesse período vimos «coisas» terríveis: peças de gosto duvidoso interpretadas por artistas bisonhos, montagens deficientes, direções discutíveis, tudo se compreende em face das inúmeras e valiosas deserções ocorridas. Tais deserções e mais um incêndio minaram, econômica e artisticamente, um conjunto ao qual, inevitavelmente, muito deve o desenvolvimento do teatro no Brasil. O espetáculo que assistimos ontem é algo de que nos podemos orgulhar. Ele dá a medida do nível a que já vai atingindo o teatro em suas várias atividades. Cenografia de Belá Paes Leme, impressionantemente bela e funcional. Cria o clima necessário à peça. Interpretação correta de todo o conjunto, havendo a destacar: Natália Timberg, sem favor uma de nossas maiores artistas, atualmente, é Leonardo Villar idem. Apenas Suzana Negri não nos convenceu no papel da Sra. Winemiller. Deu-nos a impressão de estar todo o tempo «brincando de fingir de doida». O guarda-roupa a cargo de Kalma Murinho reflete como sempre o gosto e a seriedade de com essa moça se dedica à sua profissão. O mesmo, quanto à direção de Geraldo Queiroz. Dá alegria e confiança no futuro de nosso teatro verificarmos o senso de responsabilidade com que trabalha esta gente moça, sem o velho vício da improvisação, conscientes de que o estudo, o trabalho e a pesquisa constante são imprescindíveis ao aperfeiçoamento dos meios de expressão. Quanto ao texto, retrata, de maneira mais sincera e comovente, o drama da jovem neurótica e frustrada, sem infância e sem juventude, aprisionada entre um pai severo e sem ternura — austero pastor protestante — e a mãe doente mental, carga demasiada, pesada para seus ombros jovens, vê fugir a mocidade tendo deixado escapar o momento de realizar o amor pelo companheiro de infância, contra cujo cinismo de menino criado solto, se chocava seu puritanismo exagerado. Tennessee Williams, dramaturgo americano, nascido em 1914, pôs muito de autobiográfico nessa peça.

NOS BASTIDORES

Comenta-se com alegria as últimas notícias auspiciosas: definitivamente assentada a vinda do Teatro de Arena de José Renato — de São Paulo — para estrear o nosso arena, a ser inaugurado no próximo mês... O teatro comporta 300 espectadores, é muito confortável e está situado no conjunto comercial da Rua Siqueira Campos — Copacabana. Com o Teatro de Arena, teremos oportunidade de tomar contato com os «novíssimos» de São Paulo. Trata-se de um grupo de jovens verdadeiramente renovadores em todos os sentidos. O movimento iniciado por eles há 4 anos, se não nos enganamos, possibilitou o surgimento de jovens autores — Oduvaldo Vianna Filho, Gianfrancesco Guarnieri e outros, preocupados em criar um teatro que reflita a nossa realidade, nossos costumes e nossos problemas. Voltarei a falar mais detalhadamente sobre as realizações e propósitos desses jovens, dignos de estímulo e atenção. Além dos espetáculos, haverá o Seminário de Dramaturgia.

Já no dia 2 teremos também a oportunidade de ver «Gimba», de G. Guarnieri, pela Cia. Maria Della Costa. Inaugura-se uma nova companhia de espetáculos musicados em um teatro novo (o novo Teatro Jardim). E Maria Clara Machado avisa que seu elenco levará até às populações de bairros e subúrbios, os espetáculos montados no Tablado.

No mais continuamos recomendando a revista «DE CABRAL A JK», de autoria de J. Mala, Max Nunes e José Mauro, em cena no Teatro João Caetano.

No domingo, próximo passado, iniciou-se no João Caetano o Festival de Teatro Infantil, realização do Serviço Nacional de Teatro. Espetáculos às 10 horas da manhã. Sobre ele falaremos mais tarde. Levem seus filhos.

BEATRIZ BANDEIRA

A UM RIO QUE AVANÇA...

(Conclusão da 3ª página) remessa de lucros das companhias estrangeiras, a votação de leis que disciplinem os investimentos estrangeiros, a ampliação do comércio exterior e a

reforma agrária, que importaria em criação de um mercado interno, base indispensável à produção de nossa indústria, que assim poderia expandir-se vigorosamente.

Entre os filmes mais importantes apresentados podem ser citados: O Diário de Anne Frank de George Stevens (U.S.A.), «Room at the top» de Jack Claiton (Grã-Bretanha), Hiroshima Meu Amor de Alain

O QUE VALE É A AMIZADE

MOSCOU, uma das maiores cidades do mundo, centro para onde convergem as atenções de milhões de pessoas, viveu durante a primeira quinzena de agosto uma nova e trepidante experiência — o I Festival Cinematográfico Internacional. A cidade engalanou-se para receber os cineastas de 42 países, fotografias de filmes e artistas foram colocadas por toda parte. O enorme Palácio dos Esportes foi convertido numa imensa sala de projeção com capacidade para 17.000 espectadores. No teatro do Kremlin, especialmente adaptado, foram feitas as projeções oficiais. Cada espectador ao entrar na sala recebe um fone individual (funcionando em ondas curtas) que lhe permitirá ouvir a tradução dos diálogos em qualquer uma destas 5 línguas: francês, inglês, alemão, espanhol e russo.

Realizado sob o lema — Pelo humanismo na arte cinematográfica, pela paz e a amizade entre os povos — o Festival de Cinema to gráfico de Moscou reuniu artistas famosos como — Giulietta Massina, Marina Vladi, Christian-Jacque, Nicole Courcel, Dawn Adams, e Abel Gance.

Pela primeira vez um filme de Brigitte Bardot foi a p r e s e n t a d o na União Soviética, obtendo estrondoso sucesso. Os jornalistas, artistas e diretores cumpriram extensos programas de passeios, recepções e naturalmente uma visita aos monumentais estúdios da Mosfilm.

Resnais (França), «Djalsaghar» de Satyajit Ray (Índia), A Nova História de Um Velho Soldado (China), etc.

BB ESTRÉIA VITORIOSAMENTE

«Babette s'en va-t'en guerre» (Babete vai para a guerra) foi a primeira película de Brigitte Bardot apresentada na URSS, apesar da grande popularidade de BB. Conta a história engraçada de uma garota ingênua, surpreendida pela guerra, enganada de modo equivocado nas Forças Francesas Livres. Mais tarde sua semelhança com a ex-amante de um oficial alemão a colocará a serviço dos nazistas. Babete apesar de tudo, desvencilha-se das complicações em que se mete provocando os risos gerais. Para o público soviético foi a descoberta de um gênero novo e não lhe regatearam os aplausos, principalmente os jovens.

O DESTINO DE UM HOMEM

Dirigido e interpretado por um dos mais famosos atores soviéticos (Serguei Bondartchuk), O Destino de Um Homem arrebatou o principal prêmio da competição. A história dramática de um homem que vê a guerra levar ao seu lar e à sua família toda sorte de sofrimentos, comoveu pelo seu impressionante realismo. Bondartchuk, estreando como diretor, transpôs com

fidelidade o romance de Mikhail Chokokov o que lhe valeu os mais entusiásticos aplausos.

UM FILME CHINÊS

A Nova História de Um Velho Soldado narra as dificuldades enfrentadas por um velho soldado do exército popular encarregado de criar uma cooperativa agrícola numa região de terras pouco férteis. A cinematografia chinesa apesar de nova e de contar ainda com poucos cenaristas experimentados, procura com fitas como esta explorar as técnicas do colorido e da tela larga.

O INTERCAMBIO ARTÍSTICO E O QUE VALE

Christian-Jacque, o diretor de Fanfan la Tulipe e Se Todos os Homens do Mundo, membro do Juri do Festival e também realizador de «Babette s'en va-t'en guerre» foi um dos que mais se entusiasmaram com a acolhida e os filmes vistos. Viajante irrequieto, conhecendo a América e a Ásia, resumiu nestas palavras simples a satisfação de visitar Moscou em tal ocasião:

«É uma maneira bem agradável de travar conhecimento com outros povos através da troca de filmes. Quando as pessoas não se conhecem não podem se amar. Se, ao contrário, há um mútuo conhecimento tudo se torna mais fácil».

CINEMA

BRASIL PARA TURISTA VER:

ORFEU DO CARNAVAL

ORFEU DO CARNAVAL começou sua carreira através do Brasil mostrado, pela primeira vez, o samba em suas fontes mais puras com o desfile das grandes Escolas, seus passistas e pastoras. Além do ritmo frenético do carnaval há a beleza da Cidade Maravilhosa, o estuante espetáculo de cores das fantasias e das evoluções dos portandantes. Também, esta é a primeira tentativa de incorporar a contribuição do negro ao carnaval e à música genuinamente brasileira.

Quando falamos de ORFEU, numa reportagem focalizando o festival cinematográfico de Cannes, procuramos traduzir a opinião da crítica francesa (unânime em ressaltar-lhe os méritos) refletindo o entusiasmo pela descoberta do ritmo frenético do samba. Muito mais pelo deslumbramento de cores e a cadência alucinante da música é que ORFEU ganhou a Palma de Ouro. Para o estrangeiro esta é uma visão inesquecível de um país estranho, cheio de sol, de homens e mulheres delirantes com «a ilusão do carnaval», no dizer do poeta Vinícius de Moraes. Justamente este fascínio pelo exótico foi o responsável, em grande parte, pela consagração do filme de Marcel Camus.

Para nós, despojado da aureola de exotismo, ORFEU DO CARNAVAL resume-se no drama poético da lenda grega transposta para os mornos cariocas e atualizada de 20 séculos. Trata-se, pois, de determinar em que grau a lenda consegue o objetivo de convencer e encantar.

Há um clima quase constante de lirismo na narrativa, uma preocupação plástica acentuada em explorar a riqueza de cores dos desfiles carnavalescos, uma banda sonora de excepcional beleza melódica. Apesar disto, a idéia de Vinícius de Moraes não foi plenamente realizada. ORFEU DO CARNAVAL como o poeta concebeu, o roteirista Jacques Viot cenarizou e o diretor Camus realizou modificou-se muito. A introdução do sobrenatural, a morte devidamente caracterizada, num morro carioca, destruiu a unidade temática, pois, seus personagens são todos autênticos e palpáveis — a começar por Orfeu que é condutor de bonde. Assim, alguns dos melhores momentos da história são perturbados pela presença indêbita desta morte fantasiada em dia de terça-feira gorda. Na própria lenda grega Euridice é perseguida por Aristeu e não pelo espectro imaterial da morte.

Orfeu e Euridice vivem sua felicidade em breves momentos, no barraco tóxico, na festa do morro ou contemplando o pôr-do-sol, excelentes como cinema. A figura de Serafina, a mulata irrequieita e amiga, é a de maior destaque pela sinceridade da intérprete Léa Garcia. Mira, sambista exuberante de requieiros, confere a Lourdes de Oliveira credenciais de atriz. Bruno Mello no papel título dá tudo o que pode dar um ator não profissional numa criação tão complexa. Marpessa Dawn, embora estrangeira, tem excelente presença. Os garotos Jorge dos Santos (Benedito) e Aurino Cassiano (Zeca) muito bons, especialmente o primeiro, o amigo fiel que presente no ar o cheiro da tragédia. Na cena final quando os dois molques vão para a borda do morro, de violão «fazer o sol nascer» dão um fecho particularmente feliz ao filme.

O diretor Marcel Camus apesar da barreira da língua conseguiu fazer de ORFEU DO CARNAVAL um filme brasileiro. Não se limitando com a preocupação de mostrar coisas bonitas, mostrou o morro e a poesia de sua gente simples. É bem verdade que falhou na intenção de dar vida à tragédia, sucumbindo diante da exaltação do carnaval, fez mais um documentário da festa. Camus assimilou tão bem os seus meses de Brasil que os defeitos do seu filme são os comuns ao cinema nacional — recitativo dos atores, falta de unidade de certas seqüências (tão gratuitas como a da macumba).

Um destaque para o trabalho do fotógrafo Jean Bourquin, que a despeito das variações cromáticas do estancamento, nos dá imagens de um colorido excelente.

Para encerrar, não poderíamos omitir como um dos maiores atrativos de ORFEU DO CARNAVAL as duas canções — Felicidade e Canção do Mar — de Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes (a primeira) de Luiz Bonfá e Antônio Maria (a segunda). Estas duas páginas musicais são a própria alma do carioca falando em termos de música e poesia.

GENNYSON AZEVEDO

RESPOSTA AO LEITOR

Pedro da Fonseca Ribeiro (DF) — Recebemos e agradecemos sua colaboração sobre o filme alemão Monpti. Infelizmente o caráter da seção cinematográfica impediu sua publicação. Temos que atender aos leitores de todo o Brasil, especialmente do Rio e São Paulo, por isso só podemos focalizar filmes que estão sendo exibidos na semana em que o jornal circula ou que o serão em breve,

INDUSTRIAIS DE TECIDOS AMEAÇAM DISPENSA EM MASSA!

O Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro enviou um ofício ao Sindicato dos Trabalhadores Têxteis desta Capital, afirmando, sem meias palavras, que não reconhece o direito de greve e que qualquer trabalhador que recorrer a esse recurso para fazer valer os seus direitos será punido com suspensão ou demissão sumária.

Para responder ao absurdo e ilegal ultimato dos patrões, os operários reuniram-se no dia 28, às 18 horas, na sede do seu Sindicato, quando o referido ofício será debatido em sessão pública. Dirigentes de outros sindicatos operários deverão comparecer a essa importante reunião, já que se trata da discussão do direito de greve, assunto em torno do qual se mobilizam todos os trabalhadores do País.

PORQUE O DESESPERO PATRONAL

Desde que foi decretado o novo salário mínimo que os tarefeiros da indústria de fiação e tecelagem, não só nesta Capital mas em todo o Brasil, vêm lutando pelo reajustamento das tabelas de pagamento, cujos preços baixos não lhes permitem alcançar nem mesmo o salário mínimo regional.

Para se ter uma ideia da atual situação dos tarefeiros é suficiente assinalar que eles recebiam anteriormente, em média, 5.500 cruzeiros, enquanto que os demais trabalhadores não qualificados recebem o mínimo de 3.800. Hoje, os não qualificados recebem o mínimo de Cr\$ 6.000,00 e os tecelões e demais tarefeiros, porque não tiveram as tabelas reajustadas, continuam a receber os mesmos 5.500 cruzeiros, e às vezes menos.

Contra essa situação é que os trabalhadores, liderados pelo seu Sindicato, vêm lutando desde janeiro, reivindicando dos patrões a concessão do aumento de 37,89 por cento que foi dado pelo Governo, através do salário mínimo, aos trabalhadores não qualificados. Tendo como base o aumento de 30%, que os patrões haviam concedido anteriormente, os tarefeiros pleiteiam mais 22,89%, que corresponde à diferença originada pelo salário mínimo.

Os dirigentes sindicais vêm procurando resolver a questão amistosamente. Mas, dada a intransigência patronal, a luta em algumas fábricas, como ocorreu nestes últimos dias na Esperança, tem assumido proporções mais energéticas, chegando até à paralisação. Contra esses fatos é que se insurge o Sindicato da Indústria, enviando ofício ao Sindicato

Negando o direito de greve, o Sindicato dos patrões (DF) envia ultimato ao Sindicato dos Têxteis — Absurda e ilegal tentativa de impedir a luta por aumento de salários

dos Trabalhadores e às empresas têxteis, referindo-se às paralisações e assinalando, textualmente: "Caso as paralisações se repetam serão aplicados aos responsáveis, se conhe-

dos, e à totalidade dos trabalhadores das seções atingidas, na hipótese contrária, penalidades que irão da suspensão por tempo determinado à demissão sumária dos empregados

nao estáveis e, mediante império judicial, daqueles que contem mais de 10 anos de serviços".

O ofício do Sindicato das Indústrias Têxteis do Rio de Janeiro, além de significar uma evidente violação da Constituição Federal, que assegura aos trabalhadores o direito de greve, representa ainda uma desesperada tentativa de impedir a luta que os tecelões vêm realizando em todo o País, visando a conquista de melhores salários.



SALVADOR

AMAPÁ

Grupo de operários têxteis em palestra na sede de seu Sindicato, por ocasião da última assembléia ali realizada

HÁ TRÊS MESES CAPFESP NAO PAGA

SALVADOR, Bahia (Do Correspondente) — Situação desesperadora a situação de centenas de aposentados e pensionistas da CAPFESP, que há mais de três meses não recebem os seus benefícios nesta Capital. O trabalhador José Luiz dos Santos, que possui oito filhos e cuja aposentadoria foi fixada em Cr\$ 1.156,00, está aguardando desde 1956 o despacho do seu processo, sem que até agora o tenha conseguido. A indignação dos aposentados é muito grande e graves acontecimentos poderão ocorrer a qualquer momento se a Diretoria da Caixa não tomar medidas imediatas visando a atender os trabalhadores e suas famílias.

Macapá — Território do Amapá (Do Correspondente) — Mais três Sindicatos acabam de ser legalizados nesta Capital, com o empousamento de suas estatutas ocorrido no princípio do mês. São eles os Sindicatos dos Estradeiros, dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil, e dos Trabalhadores na Indústria de Panificação e Confeitaria.

Fato importante que demonstra o elevado espírito de compreensão dos trabalhadores em torno da luta pelas suas reivindicações, é que as diversas correntes de opinião se empousaram e constituíram em todos as entidades chamadas unicas para compor o pleito. Outro fato importante é que embora não havendo oposição as eleições e a posse das diretorias transcorreram em meio a grande entusiasmo. Outras entidades profissionais, entre as quais as das bancários, encerraram no mês de outubro as suas atividades, em face de organização de suas sindicaturas.

EM TODO O PAIS

Devemos nos preparar para a eventualidade de uma greve nacional, caso até 3 de outubro não tenha sido regulamentado o direito de greve, com a emenda apresentada pela Comissão de Estudos da Conferência Sindical Nacional, que assegura aos sindicatos o comando dos movimentos grevistas, se-clarar a reportagem o Sr. Benedito Correia, secretário do Sindicato dos Têxteis do Distrito Federal, Este Sindicato, segundo informou o seu secretário, já enviou ao Senado mais de seis mil assinaturas de trabalhadores solicitando a aprovação, até 3 de outu-

DEFENDE TEU DIREITO

B CALHEIROS BOMFIM

Correspondência para Rua São José, 50

Contrato de trabalho

O contrato a prazo ou por obra certa, quando prorrogado por mais de uma vez ou se tiver duração superior a quatro anos, transforma-se automaticamente em contrato por prazo indeterminado e fica sujeito às normas aplicáveis a este. O mesmo se dá na hipótese de continuar o empregado trabalhando depois de expirado o contrato a prazo, qualquer que seja a duração deste. Nenhum é o valor das cláusulas contratuais estipuladas em desacordo com a lei. Saliente-se que as condições do contrato se constituem, com frequência, nas relações atuais entre empregado e empregador. Assim, o empregado que passa a exercer determinada função durante um lapso de tempo ponderável, pode considerá-lo esse emprego como integrante de seu contrato, ainda que tivesse sido admitido para outra. Nem pode também o trabalhador negar-se a executar certo serviço que vinha executando há alguns anos, sob alegação de que antes outra era a sua função. Pois a observância de certa condição de trabalho, convertendo-se em uso diário, costume, gera obrigação, e não mais pode ser alterada pela vontade exclusiva de uma das partes. Mesmo a liberdade, se concedida de maneira habitual, anos a fio, pode se tornar contratual. A própria Anotação consignada na carteira profissional cede ante tais situações, quando não mais condiga com elas.

Contribuição sindical

Muita se tem discutido na Justiça do Trabalho sobre a legitimidade da cláusula, inserida em acordo inter-sindical, estipulando o desconto, nos salários dos empregados, para construção de sede de Sindicato. Os tribunais têm entendido válida a cláusula quando o desconto incide sobre o salário dos empregados associados ao Sindicato. Todavia, quando se trata de trabalhadores não ligados ao órgão sindical, a legalidade da cláusula não raro tem sido negada, com base em que, sendo a Associação o Sindicato uma entidade não é possível obrigar alguém a contribuir para um órgão de classe a que não pertence.

Contribuição previdenciária

Quando a contribuição previdenciária é descontada no salário do empregado, não há qualquer problema. No caso de atraso no recolhimento, deve a interessada reclamar junto ao Instituto, mas essa omissão a tempo, não pode prejudicar o associado, porque o Instituto tem, por lei, a obrigação de exercer fiscalização e diligenciar a cobrança de débitos dos empregadores faltosos. Por outro lado, o empregado que, ao mês de destino, não paga de previdência as contribuições que desconta do empregador, para esse fim, as embolsa, está cometendo uma falta grave, e sujeita a responder criminalmente por esse ato. E, muito embora a falta de recolhimento das cotas constitua também descumprimento do contrato de trabalho pela empresa, os filhos trabalhadores, em geral, não consideram esse ato, como justa causa para rompimento do contrato, por parte do empregado. Nas sociedades por cotas de responsabilidade limitada, exercendo atividade comercial, a sócio não capitalista não seja superior a tanta negligência à associação, obrigatória do Instituto dos Comerciantes.

Culpa recíproca

Se o empregado cometeu uma falta grave, e não somente o empregador, a lei autoriza a Justiça a dividir pagar apenas a metade da indenização que seria devida pela rescisão hipotética. Para isso, faz-se o processo que liga culpa de ambas as partes. Nesse caso, via de regra, a Justiça entende não ser possível o pagamento de aviso prévio, além de férias proporcionais.

Dano em serviço

Ocorre dano em serviço quando há utilização de instrumentos perigosos empregados, etc. a Consolidação das Leis do Trabalho autoriza o empregador a efetuar o desconto correspondente no salário do empregado, desde que essa possibilidade tenha sido acordada em um instrumento de trabalho do empregado. O acordo para esse fim, para não ficar de seu efeito, enquanto não outros, pode ser também oral ou resultante do costume.

INTENSIFICADAS AS MANIFESTAÇÕES EM DEFESA DO DIREITO DE GREVE

Resoluções das entidades nacionais dos bancários, marítimos e estivadores — Palestras e debates no Espírito Santo — Vai ser realizado um grande comício em Vitória

bra, da Lei Orgânica da Previdência Social e da lei que regulamenta o direito de greve.

CAMPANHA DOS BANCÁRIOS

Em reunião nacional realizada nesta Capital de 17 a 20 do corrente, realizaram os bancários intensificar a sua participação na luta comum de todos os trabalhadores pela aprovação daqueles projetos.

A reunião, que foi promovida pela CONTEB (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito) resolveu ainda recomendar a todos os sindicatos de bancários do País que iniciem em suas próximas assembleias, os dias 10 de maio, no sentido de promover a manifestação da corporação, enviando petições aos senadores de seus Estados.

MARÍTIMOS NA LUTA

Também os trabalhadores marítimos, orientados por sua Federação, continuam desenvolvendo em todo o País manifestações pela aprovação dos dois projetos. A propósito, o Sr. Thaumaturgo Gouveia, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, declarou à nossa reportagem que quanto ao direito de greve, esta ele expressamente assegurado na Constituição Federal.

Trata-se, pois, de um assunto que deve ser discutido, porque, se as condições de pleno exercício desse direito, não permitirem nenhuma atividade ou atividade reduzida por exemplo a utilização do decreto 2470. Por isso mesmo, os marítimos intensificam a luta em todas as entidades sindicais do País a fim de trabalhar pela imediata regulamentação do direito de greve, mantendo a necessária vigilância para não permitir que se re-

duza a restringir aquilo que a Constituição e garantiu de maneira completa.

ASSEMBLEIAS DOS ESTIVADORES

Representantes de estivadores de todo o País, reunidos nesta Capital para tratar do aumento salarial que vêm pedindo desde janeiro, também intensificaram a campanha pela regulamentação do direito de greve, recomendando, nesse sentido, que todas as assembleias da categoria se manifestem tanto ao senado, solicitando leis a imediata votação da matéria.

NO ESPIRITO SANTO

VITÓRIA (Do correspondente) — Os trabalhadores do Estado estão realizando uma ampla campanha por uma aprovação das leis orgânicas da Previdência Social e do Direito de Greve, organizada a luta pela total Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do E. do Espírito Santo, há se elegeram várias comissões sindicais em todos os municípios, está em preparação um grande comício para o dia 7 de setembro na principal praça de Vitória para o qual já foram convidados os senadores Alípio Vitoriano, Alípio Vitoriano e Jefferson Aguiar e dirigentes sindicais de todo o Estado.

PALESTRAS E DEBATES

Estimulado no dia 20 do corrente, na sede do Sindicato dos Comerciantes de Vitória, Rodolfo, um importante debate sobre a contribuição sindical, sob a presidência de Roberto Moreira, representando o Conselho Regional de Vitória do CENI. Participaram dessa reunião representantes dos sindicatos dos comerciantes, entre os

OS PATRÕES PODEM PAGAR MAIS

ELSON COSTA

Os balanços de algumas empresas, referentes ao ano de 1951, apresentam lucros enormes. As vantagens conseguidas pelos industriais, apenas aquelas confessadas e publicadas em seus balanços, desmornam a tática patronal que propaga a sua precariedade financeira e que procura colocar o aumento de salários como causa da alta do custo de vida.

Citaremos o exemplo de varias industrias, mineiras e paulistas:

São Paulo	Capital e reservas	Lucros líquidos — 1951
Votorantim e Cia. Brasileira de Alumina (Pirmirio de Moraes)	6.169 milhões	320 milhões
Adm. Indústria-Comércio e Laminação de Metais (Pignatari)	2.505 "	812 "
Matarazzo	7.094 "	534 "
Light	11.206 "	501 "
Cia. Docas de Santos	359 "	152 "
Mouho Santista	2.238 "	294 "
	29.621 milhões	3.173 milhões
		(10.127,8 em capital e reservas)
Minas Gerais:		
Cia. Siderurgica Belgo-Mineira	5.221 milhões	1.101 milhões
Indústria e Comércio de Minas (Bethlehem Steels)	313 "	370 "

Podemos extrair do balanço da Cia. Siderurgica Belgo-Mineira alguns números que comprovam o fato de que o aumento de salários influi na diminuição dos lucros e não na alta de preços das mercadorias. Essa Cia. conseguiu obter um lucro líquido de EM BILÃO E CEM MILHÕES de cruzeiros, enquanto pagou de salários mais ou menos a proporcionalidade de 100 milhões de cruzeiros. Isto representa 12% em relação ao lucro total e significa que se a Cia. tivesse pago salários mais altos, o lucro de seus trabalhadores, ainda teria um lucro líquido de 400 milhões de cruzeiros, sem alterar em absoluto os preços de seus produtos. Estamos nos baseando nos dados apresentados de uma indústria privada, onde geralmente é menor a taxa de lucro em relação ao capital e reservas. Mas a Cia. Belgo-Mineira detém 21% de taxa de lucro, sendo também o maior que se dá a nível mineiro e que em Minas Gerais possui a estatística de lucro anual de salários.

É claro, portanto, que os patrões podem pagar mais, dependendo de que a proletariado luta, organizada e incessantemente pela melhoria de suas condições de vida.

Deputado Fernando Santana Sobre o Reatamento

O deputado Fernando Santana (PTB da Bahia) pronunciou na última semana, na Câmara Federal, um importante discurso mostrando a necessidade da imediata reformulação de nossa política exterior, detendo-se particularmente no restabelecimento de nossas relações diplomáticas e comerciais com os países socialistas. Damos abaixo o texto do discurso pronunciado pelo sr. Fernando Santana:

FALTA APENAS UM ATO DE CORAGEM DO GOVERNO

O SR. FERNANDO SANTANA — Senhor Presidente, nosso País atingiu a um estado de desenvolvimento que exige de todos nós algumas perguntas: — Quais os nossos objetivos para o futuro da Nação? Quais as maiores preocupações que devem ter os homens públicos da atualidade, visando criar condições de estabilidade para o País? Desejamos crescer, progredir ou retardar-nos no tempo e na História? Desejamos criar condições de efetivo progresso para o povo brasileiro? Desejamos que nossos prurulentos tenham escolas, hospitais, saúde ou desejamos que a Nação se retrate em seu desenvolvimento?

É chegada a hora de assumirmos perante a História grave responsabilidade: a de decidirmos por um futuro progressista do País ou colaborarmos para que ele não tenha esse desenvolvimento que o povo reclama, que a Nação exige.

Estou absolutamente convencido de que um dos aspectos da vida brasileira que hoje merece de todos nós a máxima atenção é aquele que se refere às nossas relações com o mundo exterior. O Brasil, na atual situação, só poderá garantir de fato a segurança nacional, só poderá subsistir se começarmos hoje a defender posições, se iniciarmos imediatamente um trabalho de esclarecimento de toda a Nação, que vise, antes de tudo, demonstrar que a normalização das relações do Brasil com todos os povos do mundo não é apenas ideal político de algumas facções, não é apenas o desejo de um setor da população, não é apenas o ponto de vista de uma corrente política, mas necessidade imperiosa, diante da qual não podemos recuar, diante da qual qualquer vacilação poderá levar-nos a dias realmente tenebrosos.

Sr. Presidente, quando na penúltima reunião do Comitê dos 21, em Washington, o Sr. Augusto Frederico Schmidt levantou o problema da possibilidade das relações do Brasil com os países do Leste, especialmente com a União Soviética e a China, ele não agiu, ao contrário do que disseram jornais do Rio de Janeiro, como ameaça aos Estados Unidos, como chantagem para obter mais dólares, justiça se lhe faça. Quando o Sr. Schmidt abriu a perspectiva das relações do Brasil com o Leste europeu, ele o fez como uma consequência lógica de raciocínio baseado em projeções econômicas das mais alta qualidade. Quando o Sr. Schmidt abriu essa perspectiva, não o fez para impor aos Estados Unidos maior auxílio em dólares ao Brasil, mas como uma atitude irrevocável da Nação brasileira. Isto se explica. O nosso País tem uma taxa de crescimento anual de 2,5% na sua população e, em 1980, alcançará a 100 milhões de habitantes. Então, para que nessa época, em 1980, consigamos dar ao nosso País um nível de vida equivalente a 400 dólares per capita, há necessidade inadiável de crescer o produto nacional bruto numa taxa de 4,5% no mínimo e as inversões atingirem ao nível de 17,6%, o que não tem ocorrido nos últimos 10 anos na vida econômica do nosso País. É uma necessidade inelutável, pois do contrário estaremos criando péssimas condições de vida para o futuro de nossa Pátria.

Se tivermos capacidade de aumentar o produto nacional em 4,5% anualmente, se tivermos capacidade de inverter 17,6% desse produto nacional bruto, se tivermos capacidade de, através de medidas seletivas do crédito, conseguirmos evitar os impactos da inflação num desenvolvimento como esse, de tipo forçado; e, além do mais, pudermos ampliar os nossos mercados, então, Sr. Presidente e Senhores Deputados, conseguiremos atingir, em 1980, essa renda per capita de 400 dólares, que é realmente renda muito pequena.

Se tomarmos as mesmas condições do mundo atual e projetarmos para os principais países que hoje dominam a política mundial essa mesma progressão até o ano de 1980, vamos ter as seguintes conclusões: os Estados Unidos, em 1980, alcançarão uma renda per capita de 3.811 dólares; o Mercado Comum Europeu, constituído da Alemanha, França, Bélgica, Luxemburgo e países do Benelux, atingirá uma renda per capita de 1.514 dólares; a União Soviética, segundo os mesmos dados colhidos nessas projeções do Itamarati, alcançará uma renda per capita de 5.000 dólares. Nesses totais brutos, os Estados Unidos alcançarão uma renda nacional bruta de 958 bilhões de dólares; a União Soviética, 1 trilhão e 500 bilhões. Os demais países também elevarão substancialmente a renda nacional bruta até 1980.

Por esses dados, Sr. Presidente, chegamos à seguinte conclusão: enquanto no Brasil se projeta o novo desenvolvimento para atingir apenas o índice de 400 dólares per capita, esses países mais desenvolvidos terão nessa mesma época: 3.811 dólares, os Estados Unidos, 5.000 dólares, a União Soviética, 1.514 dólares, a Europa Ocidental e assim sucessivamente. Então, Sr. Deputados, esse nosso objetivo mínimo de 400 dólares em 1980 torna-se realmente muito modesto, muito simples, mas só será alcançado, mesmo assim, se nós, desde hoje, começarmos a lutar intransigentemente para que essas medidas dependentes do Governo sejam imediatamente tomadas.

O SR. DAGOBERTO RALES — Vossa Excelência está produzindo magnífico discurso e quero homenageá-lo, oferecendo modesta contribuição. Acredito que as extrapolações econômicas citadas por V. Ex., que resultam no cálculo da renda per capita e da renda bruta desses países mencionados, não estão levando em conta um fator importantíssimo, que é necessário frisar. Os países mais adelantados, como os Estados Unidos, a Rússia, a Inglaterra e a França terão dificuldades muito grandes, no futuro, quando suas reservas minerais, já pesadamente afetadas, estarão a pique de se esgotar. V. Ex. deve aí, analisando um caso particular, apenas ter em consideração que no presente ritmo de consumo de petróleo da nação americana, que atinge, se não me falha a memória, a cerca de 3 bilhões de barris por ano, haverá forçosamente o esgotamento das suas reservas petrolíferas que no momento alcançam os 300 bilhões de barris. Assim, esses países altamente industrializados terão, obrigatoriamente, para prosseguir nesse ritmo de desenvolvimento que ostentam presentemente, de lançar mão das reservas minerais dos países subdesenvolvidos. No estado dessa situação, V. Ex. deve perceber os rumos de uma política mundial da qual temos sido vítimas e cujo desdobramento estamos presenciando.

QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

O SR. FERNANDO SANTANA — O aparte de V. Exa. esclarece sobretudo que o problema da segurança nacional para o futuro torna-se realmente muito importante e teremos feito uma justa política de segurança nacional na medida em que tentarmos desenvolver e ampliar nossos recursos econômicos e financeiros. A intenção de V. Exa. tem demonstrado uma vez mais que a luta pelo desenvolvimento do Brasil é, em...

América Latina, é questão de sobrevivência, questão de vida ou de morte, porque lutamos para crescer, desenvolver e progredir, ou então seremos tragados, fatalmente, pelo poder dos mais fortes que nos cercam e nos dominam.

Srs. deputados, o problema de expansão do nosso comércio é o ponto de estrangulamento de nossa economia, porque as poucas condições econômicas ligeiramente apontadas foram satisfeitas, mesmo

assim temos que exigir um esforço nacional dobrado, pois, admitindo essa baixa taxa de desenvolvimento ou de acumulação de produtos brutos seremos forçados também a elevar o nosso comércio exterior; para esse simples objetivo de 400 dólares per capita seremos obrigados também a elevar o nosso comércio exterior, pelo menos, ao nível de 4,5 bilhões de dólares.

O Sr. Sérgio Magalhães — Antes que V. Exa. passe a outro tema, desejo fixar bem a conclusão a que chegamos em face dos dados apresentados por V. Exa. Todos esses países hoje adelantados, que possuem já grande quantidade de capital, estão empenhados em elevar a renda per capita nas proporções indicadas nas estatísticas agora reveladas. Conclusões que não poderão ser alcançadas se subdesenvolvidos contar com qualquer ajuda para elevar o nosso desenvolvimento econômico, dada a verdadeira corrida desses países, no sentido de melhorarem cada vez mais o nível de vida de suas populações. Desejo fixar esta conclusão que tiro do discurso de V. Exa.: precisamos cuidar, sim, do nosso desenvolvimento econômico, mas com base nos nossos próprios recursos e não com estímulos para atrair capital estrangeiro, a fim de colaborar em nosso desenvolvimento.

O SR. FERNANDO SANTANA — Agradeço e aparto de V. Exa. e gostaria de citar palavras de dúvida constantes neste documento, que considera da mais alta importância, lido em Washington pelo Sr. Augusto Frederico Schmidt. Ele mesmo aceita quanto à excelência do capital estrangeiro e diz que, diante dos fatos, diante da experiência dos povos latino-americanos, não sabe mesmo se esse capital é proveitoso.

Isso realmente nos revela que o desenvolvimento do País vai depender muito mais de nós mesmos do que de qualquer ajuda estrangeira. Voltando ao tema do comércio exterior, verifica-se que se todas as condições forem satisfeitas, não só no sentido das inversões do produto nacional bruto, como também de um mínimo de importação equivalente a 1% desse mesmo produto nacional, mesmo assim, inclusive com auxílio de capital estrangeiro, vamos ter necessidade de elevar o comércio exterior do Brasil de ... 1.400.000.000 de dólares, que o foi em 1957, para um nível mínimo de 4 e meio a 5 bilhões de dólares em 1980.

O Sr. Celso Brant — Ainda há dias, em um congresso internacional em Bogotá, o representante dos Estados Unidos disse algo que merece ser meditado por nós. É que nos Estados Unidos também há regiões subdesenvolvidas e, em igualdade de condições os capitalistas americanos preferem naturalmente fazer investimentos em sua própria terra. Eles só se interessam verdadeiramente por aplicar seus capitais em situação de espoliação. Não há dúvida de que não podemos contar com capitais estrangeiros para o desenvolvimento do Brasil. A nossa História demonstra que aqueles que para cá vêm, dizendo que nos vão ajudar, de fato

prejudicam nosso desenvolvimento. Há o caso típico da energia elétrica, que tem representado o maior obstáculo, quando na mão de capitais estrangeiros, para o desenvolvimento do Brasil. No setor propriamente doutrinário e ideológico, seria interessante lembrar as palavras de George Washington, ao entregar o segundo governo da nação americana. Dizia ele que nenhum povo, recebendo de outro povo ajuda financeira, deixa de pagar depois essa ajuda com pedações de sua soberania.

O SR. FERNANDO SANTANA — Agradeço o aparte de V. Exa. Gostaria, em resposta a esta dúvida levantada pelo nobre colega, de citar alguns elementos que conseguimos reunir das publicações feitas pela Superintendência da Moeda e do Crédito.

Nesta análise dos investimentos estrangeiros no Brasil, especialmente no que concerne a capitais particulares, aqui não entram os chamados capitais públicos, ou antes, aqueles que vêm ao Brasil através de empréstimos de governo a governo; estão referidos apenas esses capitais particulares que se invertem aqui em indústrias e na exploração de serviços etc. — Lemos que, entre 1947 e 1958, o ingresso efetivo de capitais particulares estrangeiros no Brasil foi de 498 milhões de dólares; o reinvestimento — isto é, rendas dessa capital reinvestido no País, nesse mesmo período — foi da ordem de 525 milhões de dólares, e os lucros e dividendos remetidos para o exterior, no mesmo lapso de tempo, atingiram a 1 bilhão e 33 milhões de dólares.

Ora, para uma entrada efetiva de 498 milhões, houve uma rentabilidade de 1 bilhão e 558 milhões, sendo que destes, 555 milhões foram reinvestidos e 1 bilhão e 33 milhões exportados em forma de lucros. Este é um quadro sintético dos resultados do capital estrangeiro aplicado no Brasil nos últimos doze anos.

O sr. Sérgio Magalhães — Permite ainda V. Exa. Ultimamente, têm sido feitas várias publicações na imprensa desta Capital mostrando o contrário do que V. Exa. afirma, isto é, mostrando dados segundo os quais haveria, em vez desse déficit no movimento de capitais, um grande saldo, que estimam em torno de 800.000.000 de dólares. Mas nesse saldo, ao qual chegam através das estatísticas da própria SUMOC, consideram o reinvestimento como sendo capital novo entrado, capital estrangeiro entrado no Brasil, quando reinvestimento na realidade é capital nacional e não pode ser computado como novas entradas de capitais. Ainda mais, incluem os empréstimos tomados pelo Governo brasileiro, a fim de fazer face a esse ônus, a esse peso na balança de pagamentos.

Tais empréstimos tomados para poder fazer face a essas dificuldades, eles consideram também como capital entrado, e somam, todos esses capitais, capitais emprestados com capitais particulares, para então apresentar um saldo falso, fictício e querer invalidar as medidas em andamento nesta Casa para disciplina do movimento de capitais.

CONQUISTAR NOVOS MERCADOS

O SR. FERNANDO SANTANA — Muito agradeço as informações do nobre Deputado Sérgio Magalhães.

O Sr. Carmelo D'Agostino — Há uma confusão na interpretação, em nossa terra, sobre entrada dos capitais estrangeiros. Nós os discutimos no sentido de como devam eles explorar as coisas econômicas do nosso País, através de seus investimentos, quando vêm preconcebidamente investidos, visando grandes lucros, tal se depreende da Portaria 135 da SUMOC, essa que fez com que se instalassem as fábricas de automóveis em nosso país. Os lucros que essa portaria permite ao capital estrangeiro investido, entre nós, não são de colaboração aos nossos esforços produtores. Não, nobres Deputados, eles vêm com o dedo posto naquilo que é a certeza da grande vantagem, como vimos de verificar nos balanços de suas empresas. O que as anima a vir ao nosso país, são também os ágio cambiais hoje incorporados aos impostos de alfândega. Não vêm os nobres colegas que preferem os capitalistas estrangeiros investir os seus capitais em explorações industriais? Pois são estas que se

prestan aos grandes lucros e pelas razões expostas, as da Portaria 135 e o ágio cambial.

O SR. FERNANDO SANTANA — Enquanto V. Exa. se alonga, vou perdendo a chance de terminar o meu discurso.

O Sr. Carmelo D'Agostino — Vou terminar. Peço-lhe desculpas.

Supomos simplesmente qual deva ser a vantagem de um capital estrangeiro. Pois bem, não devemos admitir que procurem o nosso País pelos nossos belos olhos, senão pela certeza de grandes rendimentos, acima do que pudessem prejudicá-los, com a remessa de dividendos ao câmbio livre.

O SR. FERNANDO SANTANA — Mas, Srs. Deputados, agradecendo ao nobre colega o aparte, gostaria de retomar aquele raciocínio...

O Sr. Carmelo D'Agostino — Peço outra vez desculpas.

O SR. FERNANDO SANTANA — ... reporto-me aos problemas do comércio exterior. Então, como dizíamos, se todas aquelas condicionais fossem realizadas, nós, independentemente de tudo isto, teríamos que considerar o comércio exterior como um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento do País. Isso porque, com todo o auxílio que pudessemos obter do estrangeiro, isto é, na base de 3 bilhões de dólares até o ano de 1967, quando, então, se poderá concluir que esses recursos darão maior impulso ao nosso desenvolvimento, mesmo nestas condições, teremos que elevar o nível do comércio exterior do nosso País de um bilhão e 400 milhões de dólares para 4,5 a 5 bilhões, no mínimo, em 1980.

Esta é uma verdade irresponsável. Sem este pressuposto do comércio exterior não é possível de modo algum projetar-se, nem conceber-se o desenvolvimento do nosso País, porque aí é que estará a fonte segura para as importações que necessitamos, bem como desses bens de capitais indispensáveis ao nosso desenvolvimento que atingirá, fatalmente, a elevada quantidade de 3,5 bilhões de dólares no ano de 1980. Isso, reduzindo ao extremo limite as importações, substituindo-se ao máximo as importações que pudermos evitar através da manufatura dentro de nossa pátria.

Se tudo isto for feito, Srs. Deputados, teremos de qualquer maneira de elevar o comércio exterior do Brasil na escala de 1 bilhão e 400 milhões no ano de 1957 para, aproximadamente, 5 bilhões em 1980. Pergunta-se, então: — Teremos capacidade de realizar esse esforço desesperado no sentido da exportação? Creio que teremos capacidade de realizar esse esforço, porque nações menores do que o Brasil, como a Polônia, estão fazendo esforços muito maiores que esse e alcançando seus objetivos anualmente.

Mas, para que alcancemos esse objetivo no comércio exterior, é indispensável que analisemos a situação do mundo e como ele se encontra. Os mercados tradicionais de nosso País, isto é, os Estados Unidos, o Mercado Comum Europeu e o mercado do Commonwealth, cada dia, quando não se retraem, reduzem o seu poder de compra de nossos produtos. Verifica-se que, com a criação do Mercado Comum Europeu, muitas de nossas matérias-primas perderam a colocação na Europa. Observamos que a taxa de crescimento de nossa exportação para os Estados Unidos é relativamente muito baixa e nada nos permite acreditar que apenas esse mercado seja suficiente para absorver as necessidades da exportação. O mercado do Commonwealth, como todos sabem, fecha-se cada dia mais e procura viver dentro de suas próprias fronteiras. Então, o que nos sobra no momento desses mercados? Sobram-nos apenas esses países com os quais ainda não alcançamos, com os quais ainda não temos relações comerciais e diplomáticas. Temos que conquistar esses mercados sob pena de perecermos porque, embora estejamos já na era dos sputnik ou já no início de uma nova vida interplanetária, não podemos basear o destino de nossa pátria na esperança de conquistar mercados fora do nosso mundo, que conosco possam comerciar. Não podemos ainda viver na base dessa hipótese da futura humanidade interplanetária. Temos de viver dentro deste mundo inelástico, que é o mundo de hoje, assim como são inelásticos os mercados para os quais temos de mandar nossos produtos. Este mundo, a Terra, é inelástico; e o que nos resta, mercados que ainda não conquistamos, são os países socialistas do Leste europeu ou da Ásia, assim como os países subdesenvolvidos do Oriente.

É para essas Nações que temos de voltar nossas vistas, a fim de conquistar mercados; ou conquistamos mercados, ou pereceremos, porque o desenvolvimento da nossa pátria está estritamente ligado ao desenvolvimento do comércio exterior. Essa verdade não é dita apenas pela corrente nacionalista; e afirmada por teóricos, os mais conservadores do País, a exemplo do sr. Roberto Campos. Em artigo recente, em «O Globo», no suplemento de quinta-feira passada, há um trabalho de S. S., mostrando que, ou marchamos para exportar, ou, então, teremos de retrogradar.

O Sr. Eloy Dutra — Além do Sr. Roberto Campos, outros eminentes homens, absolutamente conservadores, como o Sr. Assis Chateaubriand. Enquanto aqui no Brasil discutimos o caso das ostras, o sexo dos anjos e a Emenda dos Conselheiros, os países chamados desenvolvidos tratam de ampliar o seu comércio com os países da Cortina de Ferro, esquematizando-o, evidentemente, dentro dos planos que lhes convenham. Apenas alguns países dos chamados subdesenvolvidos, entre os quais o Brasil, teimam, apresentando razões quase pueris, em não reatar essas relações. V. Exa. esta fazendo discurso que esclarece

perfeitamente a questão do comércio com os países da Cortina de Ferro. Enquanto outros países tratam de ampliá-lo e procuram essas relações, nós aqui ficamos divididos em três áreas: aqueles que não desejam por motivos talvez inconscientes; aqueles que as desejam ardentemente e creio é a maioria do povo brasileiro; e uma terceira classe, que temos de respeitar — a dos que têm motivos religiosos, aqueles que acreditam em milagres de Santa Terezinha do Menino Jesus, como D. Helder Câmara, o Marechal Lott e outros assim. Mas aqueles que sabem estamos a caminho de um verdadeiro abismo em nosso sistema comercial e teimam em não querer reatar relações com os países da Cortina de Ferro só podem obedecer a intuítos e motivos profundamente inferiores, subalternos. Muito obrigado a V. Exa.

REATAR RELAÇÕES COM O LESTE

O SR. FERNANDO SANTANA — O aparte do nobre colega Eloy Dutra esclarece perfeitamente a questão. A Nação inteira está disposta a dar esse passo, no sentido de seu desenvolvimento. Raras, dignas, pequenas frações deste País é que se opõem à política de expansão, à política comercial agressiva de conquista de novos mercados.

V. Exa. teve a feliz ideia de trazer ao debate o nome do Sr. Assis Chateaubriand. Rendamos, nesta oportunidade, uma homenagem a S. Exa., pela atitude desarmada que vem tomando, ao reclamar de nossas autoridades o reatamento das relações comerciais, mostrando, através do rádio, da televisão, da imprensa, que este problema transcende do relativo a diferenças de regimes políticos de um país para outro.

O Sr. Eloy Dutra — Permite-me V. Exa., novamente, pequeno complemento ao meu aparte. Hoje mesmo, em «O Globo», no artigo de fundo, vemos: o feijão a quase 60 cruzeiros e nós o importamos dos Estados Unidos. Veja V. Exa. como a falta de integração do Brasil no sistema comercial do mundo nos leva, até a criar, futuramente, um novo truste, o truste do «beans», do feijão, que vamos buscar nos Estados Unidos. Isso é verdadeiramente fenomenal; nós, brasileiros, que somos, afinal das contas, os maiores plantadores de feijão de todas as cores — branco, mulatino, preto — passamos a importá-lo dos Estados Unidos! Eu gostaria que V. Exa. tomasse em consideração esse artigo de «O Globo», que constitui um alerta para essa falta de integração do comércio do Brasil dentro do sistema universal a que todos os países obedecem, menos os chamados subdesenvolvidos e, assim mesmo, alguns deles apenas, entre os quais o Brasil, infelizmente.

O SR. PRESIDENTE — (Nobre Moreira, 2º Secretário) — Eu pediria ao nobre orador concluisse o discurso, que seu tempo está esgotado.

O SR. FERNANDO SANTANA — Sr. Presidente, solicito de V. Exa. um pouco de paciência, se possível.

O SR. PRESIDENTE — O problema não é de paciência; há outro orador inscrito, que deseja fazer uso da palavra.

O SR. FERNANDO SANTANA — Vou concluir, Sr. Presidente.

O Sr. Assis Chateaubriand, quebrando um tabu, deixou a Cidade de Bonn do automóvel e, atravessando parte da Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, penetrou na Tcheco-Eslôvquia. Conta ele, em artigo publicado nos jornais de sua cadeia, que foi necessária uma resistência quase de selvagem, por...

(Conclui na 7ª página)

FUSÃO DE RJ OU ESTADO DA GUANABARA

Em nossa edição anterior, abrimos nossas colunas ao debate sobre o destino do Distrito Federal após a mudança da Capital da República para Brasília. Como se sabe, dividem-se as opiniões entre a formação do Estado da Guanabara e a fusão com o Estado do Rio. Publicando, hoje, as opiniões que nos enviaram o escritor Astrojildo Pereira e o sr. Manoel N. de Oliveira, reafirmamos o apelo feito aos leitores interessados para que se manifestem sobre o assunto.

Cidade Do Rio De Janeiro Capital Do Estado Do Rio De Janeiro

ASTROJILDO PEREIRA

Nessa questão do destino a ser dado à cidade do Rio de Janeiro após a mudança da Capital Federal para Brasília, as melhores e mais convincentes razões — de ordem geográfica e histórica, ou da ordem política e econômica, ou ainda de ordem cultural e sentimental — militam todas a favor da reintegração do atual território do Distrito Federal ao território do Estado do Rio de Janeiro, com o qual sempre formou uma unidade natural e indissolúvel. Rio de Janeiro cidade e Rio de Janeiro província ou Estado — o próprio nome está dizendo — são uma e a mesma coisa: Estado Rio de Janeiro. Note-se, aliás, que «Distrito Federal» não é toponímico, porém mera designação administrativa, que hoje está aqui e amanhã estará em Brasília.

O tal «Estado da Guanabara» é uma infeliz invenção dos constituintes de 1891, que os constituintes de 1934 e de 1946 repetiram totemicamente. Seria uma cabeça sem corpo, criação artificial, monstruosa e inviável. Nem é difícil prever que o Rio, capital do minúsculo Estado da Guanabara, acabaria também por amesquinhar-se em cidade igualmente artificial, cidade só de fachada e sem futuro, reduzida talvez a simples centro de turismo e quem sabe, de jogatina e batota, uma espécie de Mônaco sul-americana.

Os adversários da reintegração apegam-se principalmente ao problema da «autonomia» e a algumas razões de ordem administrativa e financeira.

Com a mudança da Capital para Brasília, haverá, sem dúvida, dificuldades administrativas e financeiras, mas serão dificuldades resultantes da mudança, seja qual for o destino que a cidade venha a tomar. Serão dificuldades que o Estado da Guanabara teria também de enfrentar — e eu estou convencido que o Rio de Janeiro Estado e cidade unidos estará em melhores condições de enfrentá-las — precisamente em virtude do acréscimo de potencialidade demográfica, econômica e política que resultará dessa unidade. Qualquer pessoa de bom senso compreenderá isso facilmente.

O princípio da «autonomia» está sendo utilizado como argumento

zado como argumento central da resistência à idéia da volta do território do atual Distrito Federal ao Estado do Rio. Mas esse é um argumento que não resiste ao mais simples raciocínio. A reintegração da cidade ao Estado não implica em qualquer espécie de diminuição ou mutilação da sua autonomia. A cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro, terá seus direitos de autonomia plenamente assegurados, como acontece com as demais capitais dos demais Estados. Como acontece igualmente com todas as cidades e municípios brasileiros, ninguém poderá afirmar, a sério, que o Rio terá mais completa autonomia como capital do Estado da Guanabara do que como capital do Estado do Rio de Janeiro.

Tenham paciência: esse argumento não vale nada.

Foi bom que NOVOS RUMOS abrisse o debate sobre essa questão, que está interessando largamente à opinião pública. Vamos ver o que dirão outros, seja a favor, seja contra a reintegração. É claro que poderei voltar ao assunto, a sustentar um ponto-de-vista que a meu ver se fundamenta não apenas no comum interesse da região do Rio de Janeiro, mas no interesse geral do País.

Conferência Internacional de Arquitetos em Varsóvia

A Associação Polonesa de Arquitetos, juntamente com a Academia Polonesa de Ciências, prepararam uma Conferência Internacional de Arquitetos, a ser realizada em Varsóvia com início previsto para 8 de outubro próximo e duração de três dias. A Conferência tratará especialmente do tema «O Desenvolvimento da Cidade Moderna e os Problemas dos Blocos dos Velhos Edifícios de Valor Histórico».

O Instituto de História da Arquitetura e Planejamento Urbano, da Academia de Ciências da Polónia, patrocinará outra conferência internacional de arquitetos, na capital polonesa, entre os dias 15 e 17 também de outubro. Os participantes de ambas as conferências terão a oportunidade de, no intervalo entre elas, visitarem as cidades de Cracóvia, Gdansk, Poznan e Torun.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

ANA MONTENEGRO



PELA FORMAÇÃO DO ESTADO DA GUANABARA

MANOEL N. DE OLIVEIRA

Atendendo ao convite aos leitores, venho apresentar o meu ponto-de-vista sobre a questão do estatuto jurídico a ser dado à cidade do Rio de Janeiro, após a mudança da Capital Federal para Brasília.

Não pretendo tecer considerações de ordem jurídica.

Quero dar minha opinião apenas como morador do Distrito Federal há mais de 15 anos.

Qual a melhor das duas soluções para a população carioca: voltar a cidade a integrar-se no Estado do Rio de Janeiro, ou constituir-se num Estado autônomo da União, o Estado da Guanabara?

Parece-me que ninguém poderá responder a esta pergunta com segurança, mesmo se tiver examinado detidamente todos os aspectos positivos e negativos que puder ter descoberto ou previsto numa antecipação do futuro. É que a multiplicidade dos aspectos que a nova estrutura jurídica apresentará e o seu próprio desenvolvimento posterior, em qualquer das duas soluções que for adotada, não permitem uma antecipação subjetiva de qual a melhor delas

para a população carioca. Que fazer então?

Optar decididamente pela formação do Estado da Guanabara: porque a experiência vivida pelo povo carioca dentro da própria realidade do novo Estado é o único meio, realmente, que lhe irá possibilitar saber se a solução adotada foi ou não conveniente. Se a conclusão for pela negativa, poderá então pleitear calmamente a incorporação do Estado da Guanabara ao Estado do Rio. Será um trabalho feito com toda a calma, com a participação ativa das duas populações, sem a tutela atual de alguns figurões políticos muito suspeitos.

Por outro lado, como o bom senso de qualquer um pode perceber — e esta é a razão principal — será muito mais fácil ao povo carioca pleitear, mais tarde, a anexação ao Estado do Rio, se a autonomia estadual lhe decepcionar, do que pleitear a «desanexação», se a integração se revelar, posteriormente, de todo desagradável, inconveniente e intolerável.

Lutemos pela formação e autonomia do Estado da Guanabara!

RADIO TV O HUMORISMO NO RADIO

É costume, entre as camadas intelectualizadas, tratar o humorismo radiofônico com o mesmo desprezo, a mesma alérgica intolerância com que se trata a novela. Para essas pessoas, humorismo de rádio é sinônimo de pornografia hertziana — imoralidade agressiva que nos ataca dentro de nossa própria casa, ao simples girar de um botão. E se é verdade que a quase totalidade dessas pessoas jamais se deu ao trabalho de pensar conscienciosamente os seus conceitos em relação a essa espécie de humor, também não é mentira que elas possuem boa parcela de razão. A exploração do homossexualismo como recurso de comicidade, por exemplo, tal como ouvimos a semana passada em dois programas («Balança mas não cal» e «Uma nova história de Antônio Maria») é inadmissível por pessoas de caráter bem formado. No primeiro desses programas, encontramos Wellington Botelho e no segundo Altivo Diniz, dois excelentes comediantes, prestando-se ao papel repulsivo de encarnar inverídicos sexuais. Bem sabemos que pouca culpa lhes cabe. São intérpretes e, até certo ponto (o limite da dignidade humana) obrigados a viver os papéis que lhes são distribuídos. Responsabilidade bem maior, quase total, cabe aos produtores e diretores de «broadcasting». E é preciso que alguma reação se faça sentir, do contrário, qualquer dia desses, não nos causará surpresa ouvir a voz rolíca de Jorge Curi anunciar: «Enquanto isso, no apartamento da prostituta Magaly...».

Seria, entretanto, um erro e clamorosa injustiça julgar todo o humorismo radiofônico por esses dois tristes exemplos. Nesta terra tão pobre de humor, a verdade é que o Rádio, malgrado todos os excessos, toda a mediocridade, toda a irresponsabilidade (fenômenos que são, em sua maioria, apenas reflexos de um desagregamento social), mesmo assim, o Rádio produziu entre nós certo tipo de humorismo que seria injusto condenar a priori, sem um exame comparativo. Sim, porque que mais temos nós na matéria? Na literatura, onde está o nosso Mark Twain? No Teatro, onde o nosso Shaw? O jornalista nos deu Vão Gógo e ficamos por aí. No entanto, homens como Max Nunes e Haroldo Barbosa, vez por outra, redimem o humorismo radiofônico de muitos dos seus pecados.

RADIO AMERICANO COME ESPINAFRE

A notícia vem dos Estados Unidos e é um toque de alerta para os nossos homens de rádio e de televisão. Segundo pesquisa realizada pela «Sindlinger and Company» (espécie de IBOPE americano), os ouvintes de rádio, em território estadunidense, são, atualmente, mais numerosos que os espectadores de TV. Levando-se em conta que o número de aparelhos de televisão existente nos Estados Unidos já se aproxima bastante do de rádios (o que não acontece no Brasil) e que há dois anos que o número de telespectadores superava o de radiouvintes, devemos concluir que, ou a TV americana está em decadência, ou o rádio de tio Sam comeu espinafre e resolveu enfrentar valentemente a sua jovem rival. Pelo que sabemos, a verdade abrange as duas hipóteses e constitui uma lição para os «telemen» e «radiomen» tupiniquins.

PERO VAZ

Falta Apenas Um Ato De Coragem Do Governo

(Conclusão da 6ª página) que, dezenas de amigos, daqueles falsos amigos, daqueles amigos de má morte, como os chamou, queriam impedir de fazer essa viagem, inclusive dizendo-lhe que, se tentasse transpor as fronteiras entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, seria preso e iria criar o mais terrível caso na política internacional dos dias de hoje. O Sr. Assis Chateaubriand, porém, sem passaporte visado, sem dar atenção aos pregoeiros da má morte, atravessou a Alemanha Ocidental e penetrou na Alemanha Oriental, chegando a Praga, onde, não só nada sofreu, mas foi recebido da maneira mais gentil, mais cordial possível, conforme teve oportunidade de referir-se em vários dos seus artigos.

O Sr. Saldanha Derit — Posso dar testemunho. Quando da minha viagem a Berlim Ocidental, visitei também Berlim Oriental, lá entrando em companhia de duas pessoas de nacionalidade alemã, dentro as quais uma moça. Não fui perturbado, não encontrei guarda algum, não me foi exigido qualquer documento. Depois de passar o dia todo na Alemanha Oriental, regressé à Alemanha Ocidental, sem que qualquer autoridade me pedisse qualquer documento.

O SR. FERNANDO SANTANA — Isso revela que as camadas cotidianas existem apenas na guerra fria, que felizmente tende a esfriar-se ainda mais nesse fato auspicioso do ponto de vista geral, do ponto de vista universal, que é o entendimento que hoje marcha aceleradamente entre os Estados Unidos e a União Soviética, através da visita dos seus homens mais importantes, como Nixon e Kruschov.

Então, verificamos, Srs. Deputados, que a tendência do mundo não é para a guerra, absolutamente, mas para o equilíbrio, para o entendimento, para a conveniência pacífica e nos, brasileiros, al-

tudados nesta parte do continente sul-americano, temos que dar o exemplo, seguindo aquelas disposições que nos mesmos aprovamos, na última Assembléia das Nações Unidas, quando presidiu a nossa delegação o ilustre Embaixador Oswaldo Aranha.

Na última moção aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, recomendava-se que todos os países participantes da ONU normalizassem suas relações diplomáticas e comerciais. E na base desta resolução, aceita inclusive pelo Governo brasileiro, é que o Sr. Oswaldo Aranha, no ano passado, aquela célebre entrevista propondo que o Brasil reagisse imediatamente suas relações com todos os povos do mundo, inclusive com os povos do Oriente europeu, porque, assim determinava a resolução da própria Organização das Nações Unidas.

Srs. Deputados, temos de esfriar a cabeça e tentar obter o máximo possível das vantagens que o mundo oferece ao nosso País, para que ele se desenvolva realmente. Se as nossas autoridades, se os nossos homens públicos, se os nossos homens de comércio e de negócios estão absolutamente convencidos da necessidade imperiosa de expansão comercial do Brasil por meio das trocas com todos os países, que impede ao Brasil essa marcha definitiva para sua emancipação, para a afirmação de sua soberania?

O Sr. Carmelo D'Apostolo — É o receio da influência do regime comunista sobre o nosso regime democrático. É o resultado do acovardamento, da dúvida de se sobrepor ao nosso regime o regime comunista.

O SR. FERNANDO SANTANA — Esse argumento não pode prevalecer. Nações, muito menos poderosas — se assim podemos classificar o Brasil, neste mundo de fracacos — Argentina, o México, o Uruguai, a Indonésia, os Estados Malaios, a Índia, e Bgi-

lo, a Síria, todos estes, países muito menores, muito menos poderosos, dignamos, muito menos capazes de se defender do que o Brasil, mantêm relações com todos os outros povos e não se sabe até hoje que essas relações tenham contribuído para a modificação do sistema político dessas nações. Como, então, podemos concluir que o Sr. Carmelo de Agostino, se pode levantar problemas de «infiltração»?

O Sr. Carmelo de Agostino — Mas eu estou com V. Exa., também condeno esse receio.

O SR. FERNANDO SANTANA — Esse argumento de «infiltração da ideologia comunista» é apenas um argumento policial, um argumento constantemente manipulado no DOPS, através de seus diretores, que fazem mais política exterior do que o próprio Ministério das Relações Exteriores. (Muito bem.) Isto é uma verdadeira fuga das responsabilidades. Enquanto o Ministério das Relações Exteriores sempre se mantinha em silêncio, as organizações policiais faziam programas de rádio condenando as relações do Brasil com outros países.

Estamos absolutamente convencidos de que nada nos falta para dar esse passo, nem a convicção absoluta do Governo de que tal passo é indispensável, nem a fé, dignos, por simples indução, do povo, na sua totalidade, porque todos aqueles que têm contacto com as massas populares, no interior já não digo nesta Capital, sabem que há no coração do brasileiro a reclamação permanente no sentido de que o Brasil reate suas relações comerciais e diplomáticas com todos os povos.

Isso está na consciência popular, que não tem nenhuma explicação científica sobre o nosso comércio exterior, nem sobre os nossos escalões de desenvolvimento. Mas o povo, com sua alma, o povo, que é realmente a Nação, não necessita de discussões, nem precisa de explicações científicas. Ele sente na sua própria

carne que isto é uma necessidade e reclama, como se tivesse ciência absoluta da necessidade desse reatamento, dessa ampliação das nossas relações com todos os povos. Não falta, pois, Srs. Deputados, nem a consciência nacional, nem a consciência do Governo, nem a consciência dos órgãos competentes do nosso comércio exterior, nem a consciência do Ministério das Relações Exteriores. Todos estão absolutamente convencidos de que é uma necessidade imperiosa a reformulação da nossa política exterior. Muito bem, muito bem, Palmas).

SINDICATO EM BRASÍLIA

Vencendo a resistência de alguns parlamentares e de inúmeras firmas empregadoras, os trabalhadores de Brasília conseguiram transformar a sua Associação em Sindicato. A nova entidade, a primeira do gênero existente em Brasília, conta com 3.100 associados e foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho no dia 24 último, com a denominação de Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil e do Mobiliário de Lússia, Planaltina e Formosa.

A Diretoria provisória do primeiro Sindicato de Brasília, composta dos srs. Heitor Silva, presidente; Benedito Bispo dos Santos, 1º Secretário; Marcos Fábio, tesoureiro, já está pleiteando a instalação de uma Junta de Conciliação e Julgamento para Brasília. Uma campanha pela conquista de um aumento salarial de 50 por cento também vai ser iniciada pelo novo órgão dos trabalhadores.

Tarefa Histórica Do Movimento Operário Internacional:

De 14 a 17 de julho último, realizou-se em Nuremberg (Alemanha Ocidental) o VI Congresso da Internacional Socialista.

Segundo Nomenclatura uma orientação visando a coesão de todas as forças que querem realmente lutar pela paz, pelos interesses dos trabalhadores, o Partido Comunista da União Soviética dirigiu ao Congresso uma mensagem na qual disse:

«O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética considera necessário dirigir-se aos delegados dos Partidos Socialistas representados no Congresso da Internacional Socialista.

Reconhecemos que em alguns problemas importantes existem divergências entre os Partidos Socialistas, de um lado, e nossos camaradas em muitas partes do mundo, de outro lado.

Mas, atualmente, todos os destacamentos do movimento operário internacional têm uma tarefa histórica comum: não permitir uma nova guerra de extermínio e responder às tentativas de ataque da reação. Saudamos todos os esforços sinceros daqueles líderes políticos que se manifestam em defesa da paz, da democracia e do socialismo, que aspiram ao estabelecimento da paz e da justiça social na terra e a por termo às calamidades e desgraças impostas pelo imperialismo à humanidade. Reconhecemos respeitosamente os esforços realizados por muitos membros dos Partidos Socialistas, ao professarem contra a tirania e as selvagerias do colonialismo.

Não consideramos que assim intervenham em vossos assuntos internos. Sustentamos o ponto-de-vista de que o socialismo finalmente triunfará em todos os países, através dos caminhos e das formas que correspondam a cada país isoladamente, às suas particularidades nacionais e históricas e às suas tradições.

NÃO PERMITIR UMA NOVA GUERRA DE EXTERMINIO

CARTA DO PARTIDO COMUNISTA DA URSS AO VI CONGRESSO DA INTERNACIONAL SOCIALISTA

Dirigimo-vos esta carta, porque, não obstante a luta sustentada durante muitos anos, a humanidade ainda suporta dois males: a ameaça de guerra e a fome. Tanto quanto vós, nós sabemos que a fome e a miséria já poderiam ter sido liquidadas se a ameaça de guerra e o peso insuportável das despesas militares deixassem de existir. É a vós nos dirigimos para que concedais atenção a este problema e encontreis o caminho e os meios de assegurar uma efetiva coexistência entre os países, cujas formas de governo diferem uns dos outros e, desta maneira, incutir novas esperanças a centenas de milhões de pessoas de todo o Universo.

Atualmente, a aspiração a uma paz sólida e o mais profundo anseio da humanidade. Esperamos que lhe concedais a devida atenção.

SILÊNCIO DOS SOCIALISTAS

O VI Congresso da Internacional Socialista não só não não discutiu a carta do Partido Comunista da União Soviética, mas nem sequer a tomou em consideração, ocu-

tando a mesmo dos participantes do Congresso, como dos membros dos partidos social-democratas.

Durante os trabalhos do Congresso socialista, um correspondente do jornal «Pravda» dirigiu-se aos líderes socialistas Ollenhauer, Bevan, Schmidt e Okada e lhes perguntou:

— Qual vossa impressão sobre a carta do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética?

Todos eles responderam que nada sabiam da carta. O correspondente de «Pravda» deu a conhecer o texto da missiva a Bevan e a Okada. Bevan disse considerá-la «de grande interesse» e Okada acentuou a necessidade de participarem conjuntamente socialistas e comunistas na luta pela paz.

«Pravda» considerou «uma atitude irresponsável» a dos dirigentes do Congresso em relação ao apelo dos líderes do Partido Comunista da União Soviética, chegando a ocultar a carta aos participantes do Congresso.

Sabenta ainda o órgão do PCUS que semelhante posição não corresponde aos interesses dos trabalhadores social-democratas.

SERIAM UMA FORÇA INVENCIVEL

Argumenta ainda «Pravda» que se comunistas e socialistas unissem suas forças em âmbito mundial constituiriam uma potência invencível ante as investidas da reação. No movimento operário internacional atuam duas forças principais: os Partidos comunistas e os social-democratas. Segundo dados oficiais, a Internacional Socialista congrega cerca de 11 milhões de pessoas; sob a influência dos socialistas se encontram Sindicatos que englobam 55 milhões de membros. Por sua vez, os Partidos Comunistas totalizam 33 milhões de membros, isto é, três vezes mais do que os social-democratas. Sob a direção dos comunistas se encontram sindicatos que arregimentam 95 milhões de filiados. Os comunistas lideram o poderoso campo dos países socialistas, fortaleza da causa da paz e do progresso social. Na França e na Itália os comunistas conduzem a maioria da classe operária. E as forças dos partidos comunistas e seus aliados crescem dia a dia.

Entretanto, os social-democratas, que depois da Segunda Guerra Mundial encabeçavam governos de 22 países, ou deles faziam parte, atualmente participam de governos em apenas 8 países. Cai o número de votos dos socialistas nos pleitos eleitorais e diminui constantemente o número dos filiados da maioria dos Partidos social-democratas.

«Pravda» conclui reafirmando a necessidade de se unirem os esforços de todos os destacamentos da classe operária, do movimento operário, pois tudo favorece esta unidade. E sobretudo o atual desanquiamento da tensão internacional, quando os partidos operários — tanto os comunistas como os socialistas — podem ter um papel decisivo na solução dos problemas internacionais pendentes.

CONVOCADO O IX CONGRESSO DO PC ITALIANO

Num Pleno realizado há pouco pelo Comitê Central do Partido Comunista Italiano foi discutida a convocação do IX Congresso do Partido.

Apresentou um informe a respeito o camarada Togliatti. Anunciando que o Congresso terá lugar no período compreendido entre fim de novembro e começo de janeiro de 1960, Togliatti destacou que o Partido Comunista Italiano tem agora como objetivo conquistar a maioria da classe operária e das massas trabalhadoras. O fortalecimento da unidade já existente com as grandes massas camponesas, o estabelecimento de amplos contactos com novos grupos de camadas médias das cidades e do campo a fim de ter a possibilidade de deter a ofensiva da reação, lutar o processo de degeneração clerical da sociedade italiana e tomar imediatamente o caminho da renovação democrática da elaboração da Constituição de elaboração da sociedade socialista.

Os círculos dirigentes, disse Togliatti, renunciarão e renunciarão a reformas radicais previstas pela Constituição. No domínio da economia e das finanças assumiram no comércio exterior estabelecido-se e continua a existir o domínio do grande capital monopolista privado. O progresso técnico continuou a uma redução de horas de trabalho, mas a diminuição dos salários que trabalham a preços baixos.

vos dessa evolução econômica assumiram um caráter ainda mais agudo devido à criação do Mercado Comum na Europa.

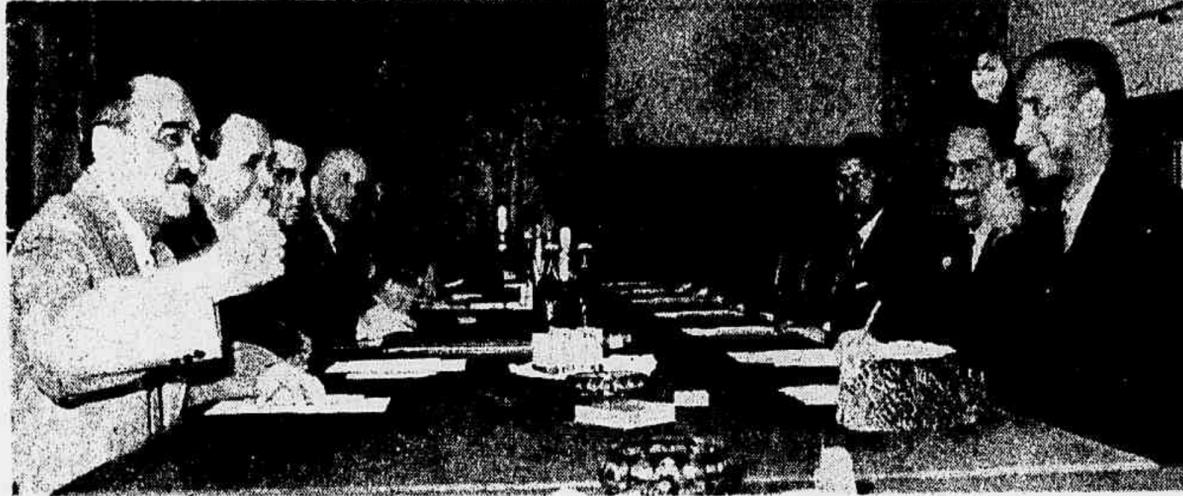
As recentes greves de massas prosseguiram Togliatti das quais participaram milhões de trabalhadores, demonstraram como e prático o descontentamento entre a classe operária, mas ao mesmo tempo revelaram a sua capacidade combativa e o seu valor. Juntamente com os operários militam em parte diversas categorias de funcionários como por exemplo, os bancários, enquanto em localidades rurais se verificaram indisciplinas, explosões resultantes das precárias condições de existência dos produtores pequenos e médios.

Passando à análise da situação política Togliatti disse que as autoridades clericais tentam insolentemente desvirtuar as mais importantes conquistas do Poder civil. O acordo do governo clerical com as motocratas de direita e com os fascistas que o apoiam com seus votos é o mais evidente sinal dessa degeneração reacionária.

At o mesmo tempo Togliatti salientou o crescimento do apoio à esta linha reacionária e acentuou que o êxito desse movimento depende em grande parte de serem vencidos os proclericales autoritários e as demagogias que são armas das autoridades clericais.

Togliatti destacou em seguida a importância da unidade das forças de esquerda do Partido Comunista, dir-se pronunciou-se pelo estabelecimento da unidade no terreno das áreas sindicais. É necessário também estabelecer laços estreitos de compreensão mútua e colaboração entre os partidos da classe operária, isto é, o Partido Comunista e o Partido Socialista.

Tratou em seguida o líder comunista italiano de questões de política exterior da Itália e do Sul da necessidade de reforçar o Partido e seus métodos de organização e atividade, que serão aprofundados no IX Congresso. Ao concluir seus trabalhos o Pleno do PCI elegerá duas comissões para elaborar as linhas políticas do IX Congresso e a única direção por Luigi Longo, encarregado de preparar o informe ao Comitê Central do Congresso do PCI.



GUINÉ E URSS — Acaba de visitar Moscou uma delegação governamental da República da Guiné, formada pelo Presidente da Assembleia Nacional da Guiné, membro do Birô Político e do Secretariado do Partido Democrático da Guiné, Diallo Saifulaie, do Ministro das Obras Públicas Ismail Ture e do Secretário-geral do governo Jean Fagare-Tuankara. Chegando à capital soviética a 14 de agosto, a delegação foi recebida pelo Vice-Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Mikoïan, conferenciando sobre assuntos de interesse dos dois países. Na foto (TASS) um aspecto da visita da delegação governamental da Guiné ao Kremlin

EM PERIGO A VIDA DE HELOU



A POLICIA DE NASSER INJETOU AR NO INTESTINO E PISOU EM CIMA

do Comunista há 28 anos. Foi eleito para o Comitê Central há 22 anos e, na qualidade de membro do Birô Político e do Secretariado do Partido Comunista da Síria e no Líbano, desempenhou um papel decisivo no desenvolvimento do movimento comunista nos dois países, em sua organização, seu reforçamento e sua direção política. Ele foi preso em 1936 e, depois, em 1939. Nas prisões, diante dos tribunais imperialistas, ele foi sempre um modelo de militante tenaz e corajoso.

O camarada Farjallah Helou é um marxista-leninista sincero, um escritor de talento e um dirigente infatigável, dotado de modestia. É a personalidade de comunista que destruiu de maior popularidade e do mais profundo amor ao Líbano, devido a suas qualidades de combatente audaz contra o imperialis-

mo e pela independência nacional. A carta de Bagdache acrescenta: Paralelamente ao amplo movimento de opinião no Líbano, desenvolve-se um movimento de ampla solidariedade no Iraque e em outros países árabes para salvar a vida de Farjallah Helou e por sua libertação. Em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Síria eu vos peço, queridos camaradas, que nos estendais vossa mão fraternal, a mão da ajuda e da solidariedade para salvar a vida e a liberdade de nosso querido camarada Farjallah Helou, um dos mais eminentes militantes do movimento comunista em todo mundo árabe.

Um amplo movimento de solidariedade internacional e a única forma capaz de deter o braço das carrancas...

SOLIDARIEDADE DO PC FRANCÊS

Em nome do Partido Comunista Francês, Waldeck Rochet e François Billoux enviaram ao Comitê Central do PC do Líbano uma carta em que dizem: Pedimos que mensagens e telegramas sejam enviados urgentemente às autoridades do RAU, reclamando a libertação imediata de Farjallah Helou. Esperamos de todo o coração que nosso camarada ainda esteja vivo e que todos nos empenhemos esforços para salvá-lo a vida e a liberdade. SUBMETIDO A TORTURAS

As autoridades da República Árabe Unida continuam a desconhecer oficialmente a prisão de Helou. No entanto, notícias chegadas de Damasco informam do valoroso resistência do dirigente comunista libanês às torturas a que tem sido submetido na

polícia da RAU. Os mais bárbaros métodos de suplício foram aplicados contra ele, suplícios verdadeiramente medievais. Os policiais de Nasser chegaram a injetar ar nos intestinos de Helou e um policial pulava sobre o aparelho digestivo de Helou. Em consequência, ocorreu uma fortíssima hemorragia.

Desde então, aguarda-se ansiosamente novas notícias sobre o estado de Helou.

A 24 de julho último, uma delegação de personalidades libanesas visitou o Presidente da República, solicitando-lhe sua energíca intervenção junto as autoridades da RAU em favor de Helou. O Presidente prometeu tomar as medidas necessárias.

Escritores, poetas e a mais alta autoridade religiosa do Líbano (dos católicos maronitas) prometeram intervir em favor do dirigente comunista preso e torturado pelas autoridades da República Árabe Unida.

Conspiração...

(Conclusão da 11.ª página) já não haverá condições para a repetição do antigo episódio intervencionista de que foi vítima a Guatemala, em 1954. Quer-se que sejam os rumos dos acontecimentos a ser a que o povo cubano contará não somente com a integral solidariedade dos povos irmãos do Continente, mas também com a dos povos de todos os quadrantes da terra. Respostamente, Jorge Campesante, líder da bancada do PR; Justino Quintana, líder da bancada do PIR; Avelino Jaeger, líder da bancada do PSD; além de diversos outros parlamentares dos mencionados partidos e mais do PSB, do PSP e do PL.

Teoria e prática

MOVIMENTO SOCIALISTA...

Para Trás

Rui Facó

Inversões e Financiamentos

Resposta ao leitor Hermanno Santana (Porto Alegre - RGS).

Pergunta o leitor qual a diferença existente entre financiamentos e inversões estrangeiras e por que os financiamentos devem ser preferidos às inversões.

Liga-se a questão aos recursos necessários para o desenvolvimento econômico do país. É necessário aqui assinalar, de início, que o desenvolvimento deve basear-se, antes de tudo, nos recursos internos do país, quer através de um aproveitamento amplo e planificado das possibilidades nacionais, quer através da proteção às iniciativas de empresas realmente brasileiras, tanto estatais como privadas.

Isto não quer dizer, no entanto, que se deva dispensar a ajuda estrangeira. Esta ajuda é útil e pode acelerar nosso desenvolvimento, desde que seja recebida através de financiamentos — isto é, de capital de empréstimo —, e não de inversões diretas que, como provam os fatos e as próprias estatísticas oficiais, são uma verdadeira bomba de sucção contra a economia nacional, resultando na transferência de parcelas cada vez maiores da renda nacional para o exterior (particularmente os Estados Unidos) e resultando numa descapitalização incessante do país.

Os financiamentos criam para o país, que os recebe, o compromisso apenas de reembolsá-los, acrescidos dos juros pré-estabelecidos, nos prazos previstos no instante em que se contrata o crédito. Uma vez saldado o compromisso, as iniciativas dele resultantes incorporam-se à riqueza nacional, produzindo renda que não é drenada para fora do país e serve, assim, de fato, ao desenvolvimento independente da nação. E é o que não acontece com as inversões diretas, que funcionam sempre como uma fonte de lucros, cada dia maiores, para os investidores estrangeiros, em detrimento dos interesses nacionais.

Dal decorre também que os próprios financiamentos deixam de ser desejáveis se se destinam a empresas estrangeiras, uma vez que, em tais casos, concorrem apenas para aumentar a força de trustes imperialistas e, portanto, para tornar maior a espoliação do país.

Os financiamentos externos úteis ao país são os que se destinam a empresas nacionais e principalmente aqueles que são feitos de governo a governo, para aplicação sob a forma de capitalismo de Estado nos setores básicos da economia.

Os financiamentos devem ser buscados em qualquer parte do mundo, inclusive nos países socialistas, obedecendo sua escolha ao critério da ausência de imposições políticas e das melhores condições no que se refere a juros, prazos de amortização e assistência técnica. Isto mostra, por sua vez, que não podem ser admitidas barreiras nesse terreno, isto é, que não devem ser circunscritas apenas a alguns países as negociações orientadas no sentido da obtenção de financiamentos. Até porque, como demonstram inúmeros financiamentos concedidos nos últimos tempos pela União Soviética a diversos países, os créditos cedidos pela URSS não só excluem quaisquer imposições de caráter político, mas estabelecem condições de juro e de prazo incomparavelmente mais vantajosas do que as concedidas por qualquer país capitalista, em particular os Estados Unidos.

Apareceu há algum tempo nas bancas de jornais e nas livrarias uma revista intitulada «Movimento Socialista». E como os títulos nem sempre traduzem o conteúdo, é necessário esclarecer-se de que espécie de socialismo se trata.

As pretensões da revista não são nada modestas: propõem a realizar «algo essencial que está faltando ao proletariado brasileiro: um órgão que desenvolva e aprimore sua consciência de classe». Mas confessa que «não se liga nem responde pela orientação de qualquer organização ou grupo existente no Brasil. E muito menos se vincula a grupos, partidos ou correntes existentes no estrangeiro».

São, portanto, antes de tudo, uns socialistas «sui generis»: estão no ar. E pelos materiais publicados na revista percebe-se perfeitamente que estão fora do espaço e do tempo.

Discutem inicialmente conceitos de «estreiteza» e «amplitude» no movimento operário marxista. Dizem que «por estreiteza passou a entender-se a decisão de manter, vigilante e rigorosamente, as posições de classe do proletariado...» (p. 2). Mas logo a seguir acrescentam: «Somos partidários da amplitude» (p. 3). Quer dizer: não tentam manter «vigilante e rigorosamente» as posições de classe do proletariado...

E, de fato, esses moços do «Movimento Socialista» não sabem ao certo o que querem.

Uma coisa, porém, deixam claro: nada querem com o comunismo e alimentam ódio de morte à União Soviética.

Internacionalmente, consideram que os partidos comunistas estão subordinados à URSS, ao Partido

Comunista da União Soviética. E quanto à URSS, nela só vêem o que chamam de «stalinismo», que não definem, mas que está presente em todos os artigos, em notas e transcrições, lançado assim o termo como expressando algo que deve ser repudiado, condenado, odiado. Repetem maquinalmente o que nos últimos tempos é um «leitmotiv» da reação mundial, uma nova modalidade verbal de anti-sovietismo, servindo à velha tentativa da burguesia de desacreditar a União Soviética e, através dela, o socialismo e o comunismo.

Isolados do mundo, com a pretensão de ficar entre dois fogos — o dos dogmáticos e o dos revisionistas — os rapazes do «Movimento Socialista», se negam a URSS e a construção do socialismo na URSS, não pecam tampouco por falta de dogmatismo. E daí para cair em posições que na prática favorecem aos inimigos do socialismo a distância é mínima. Assim, por exemplo, ao abordarem a luta antiimperialista opinam textualmente:

«O imperialismo só poderá ser vencido em escala mundial e por um proletariado com consciência de classe» (p. 53). Em outras palavras: não vale a pena combater o imperialismo num determinado país, digamos o Brasil, uma vez que — na opinião da revista — ainda falta consciência de classe ao nosso proletariado. E então fazem uma grande descoberta: que o antiimperialismo da burguesia brasileira «tem um limite natural na autoconservação da sociedade burguesa» (p. 53). E como tem esse limite, não merece nenhum apoio, é simplesmente desprezível, a luta antiimperialista deveria ser então monopólio exclusivo da classe operária.

Aí está a «amplitude»

da revista. Essa «amplitude» leva-a a combater o movimento nacionalista, confundindo-o com nacionalismo burguês. Que nesse movimento existem forças nacionalistas-burguesas, só um ingênuo poderia negá-lo. Mas por isso um partido operário revolucionário deve ignorá-lo? Não será mais justo que nele participe, procure influenciá-lo e, se possível, lhe assuma a direção?

Ninguém afirma que no nosso caso assim acontecerá. Mas seria magnífico se acontecesse.

Os rapazes da revista, que andaram lendo artigos de Lênin sobre a questão nacional (inclusive sua polémica com Rosa Luxemburgo), passaram por alto um trecho que Lênin recorda, em relação ao movimento democrático-burguês da Irlanda, que «Marx aconselhava aos operários ingleses que o apoiem, que lhe imprimam um impulso revolucionário, que o levem a termo no interesse de sua própria liberdade» («Sobre o direito à autodeterminação das Nações», 1914).

Aliás, este é um ensinamento de que se encontra impregnada toda a doutrina marxista: a revolução democrático-burguesa interessa também ao proletariado.

Mas os rapazes do «movimento socialista» acham que isso é... «paz social». E como eles são «ultra-revolucionários», a única alternativa «real» para vencer o subdesenvolvimento é «o desenvolvimento socialista das forças produtivas da América Latina» (p. 6). Quando toda uma experiência histórica mostra que a burguesia também sabe impulsionar as forças produtivas, mesmo na época auge do capitalismo monopolista.

Dal as conclusões não só exageradas como inteiramente errôneas ao tratar a revista de problemas de ordem prática em nosso país. Para ela a Petrobrás não serve porque é apenas «um semimonopólio» (p. 7). A encampação da Companhia de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul (CEERG) não satisfaz, porque só vale o «controle operário» sobre a empresa encampada.

Quer dizer, esses moços querem um socialismo caído do céu, feito de uma só peça, inteiro. E então exclamam patéticos: «Quando o proletariado é levado a defender teses burguesas isto prova que está politicamente acéfalo e que sua pretensa vanguarda o está traíndo» (p. 9). A reforma agrária, ninguém ignora, é uma medida de revolução democrático-burguesa. E então se um partido comunista dá seu apoio a semelhante medida — está traíndo a classe operária!

Esta a lógica dos moços do «Movimento Socialista», que tanto gostam de citar o «Manifesto do Partido Comunista». Mas o «Manifesto» não é responsável por isso. Convém lembrar a propósito, que no prefácio da edição alemã de 1890 do Manifesto, Engels menciona o fato de que Marx, ao redigir o Programa da Primeira Internacional (1864) «já não podia partir dos princípios do Manifesto de 1848». «Devia (a I.C.) — acrescenta Engels — ter um programa que não fechasse a porta às trade-unions inglesas, aos proudhonianos franceses, belgas, italianos e espanhóis e aos lassalleanos alemães» (Marx e Engels, Obras Escolhidas, t. I., ed. russa).

Como esta atitude está distante do dogmatismo — mais do que isso, ignorância da realidade nacional e universal — demonstra-

da pelos colaboradores do «Movimento Socialista»!

Estamos certos, ao terminar a leitura deste primeiro número da revista, que se um trabalhador empenhado honestamente em procurar um caminho «de classe» através dessa publicação, nela encontrará apenas o vácuo, a desorientação mais completa, a ausência absoluta de qualquer caminho ou mesmo de alguma verdade que oriente em sua luta.

Queremos chamar atenção para a completa ausência de boa fé por parte de alguns colaboradores do «Movimento Socialista» nas suas polémicas. Basta citar um exemplo bastante significativo: utilizando palavras de Prevetes em que este se refere à «tendência inerente à burguesia de aumentar a exploração da classe operária», um dos colaboradores da revista deturpa grosseiramente esta frase, reduzindo-a à «tendência da burguesia de explorar a classe operária» (p. 12). Isto dá bem a medida da honestidade com que argumentam contra os comunistas.

E, finalmente, um último reparo. Já assinalamos a «ultra-revolucionarismo» dos moços do «Movimento Socialista». Devemos acrescentar que se trata de pessoas bem postas, com bons empregos em empresas capitalistas, inclusive em grandes jornais burgueses reacionários. Sua posição é a mais cômoda que se possa imaginar. São uns «revolucionários intransigentes» mas cautelosos: usam pseudônimos, não porque exista no país uma situação que os force a tal, mas para não perderem os gordos vencimentos que lhes dão tanto ânimo combativo.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO XXVIII

A COMUNA DE PARIS PRIMEIRO ESTADO PROLETÁRIO

«A Comuna surgiu de modo espontâneo, ninguém a preparou conscientemente e segundo um plano» (Lênin, «Em memória da Comuna»). Foi, de início, um movimento de massas extremamente mesclado e indefinido. A ela aderiram tanto os patriotas, detestados de recomeçar e levar a bom termo a guerra com a Alemanha, como os pequeno-burgueses, a cujas portas batia a ruína, e mesmo os burgueses republicanos, reacionários de que a reacionária Assembleia Nacional restabelecesse a monarquia. Mas o papel principal e dia após dia mais determinante foi desempenhado pelos trabalhadores (principalmente pela grande massa dos artesãos de Paris), entre os quais se haviam difundido muito nos últimos anos as idéias socialistas, a influência da Internacional.

As atividades contra-revolucionárias por ela insufladas. Para reprimi-las, o Comitê Central confiou o comando militar a três blanquistas, entre os quais o valoroso Duval, operário fundidor. Ao mesmo tempo o Comitê restabeleceu o pagamento das diárias da Guarda Nacional, após em vigor a moratória dos alugueis e dívidas ordenou a restituição a seus donos, independentemente de pagamento, das ferramentas e outros utensílios depositados como garantia de empréstimos nos Bancos e casas de penhor. As eleições realizaram-se a 28 de março, por sufrágio universal, com a participação entusiástica da imensa maioria da população trabalhadora de Paris. Foram eleitos 85 membros para a Comuna; 25 operários (sendo que 13 da Internacional), 43 empregados e profissionais liberais (médicos, jornalistas, advogados, professores, etc.) e 17 burgueses que logo depois renunciaram aos seus mandatos (nas eleições suplementares, que por esse motivo se realizaram, o número de operários subiu para 30 e o total de membros da Internacional eleitos passou a 25). Embora em minoria, os operários eram a força dirigente da Comuna, pois o poder

político era de fato representado pelo proletariado armado da Guarda Nacional. No dia 28 a Comuna foi proclamada oficialmente, perante inumerável massa humana, o povo cantava. Era, disse uma testemunha do grande ato, como se tivesse «um só coração e uma só voz». Entretanto, a Comuna era politicamente heterogênea. Nela figuravam os dirigentes operários e revolucionários em geral mais destacados das lutas anteriores, que espovavam diferentes tendências: Varlin, encadernador, e o ouvidor húngaro Frankel, amigos de Marx, ambos da Internacional, que eram a principal proudhonista da esquerda e livraram-se de suas ilusões anarquistas no curso da luta; Flourens e Duval, que eram blanquistas, etc. O combativo Blanqui, eleito embora por esmagadora maioria pelos distritos operários de Paris, não pôde ocupar o seu posto: fora mais uma vez preso, às vésperas do 18 de março, e jaziam num cárcere. A maioria da Comuna era constituída de democratas-jacobinos (36) e blanquistas (12). A maioria era composta de proudhonianos e de outros setores anarquistas (20). Os demais não tinham par-

tido. Quanto aos membros da Comuna filiados à Internacional, não formavam uma fração única, estavam dispersos pelas várias correntes existentes. Essa situação privava a Comuna dum programa claro e bem definido. Mas a influência generalizada das idéias socialistas e o sentimento proletário de classe de muitos dos seus membros realizaram o seu papel e assim muitas medidas justas, do ponto-de-vista do programa revolucionário do proletariado, foram tomadas. De fato a classe operária não pôde dominar politicamente sem quebrar as próprias cadeias. E aí está por que o movimento da Comuna teve que tomar inevitavelmente um colorido socialista, isto é, teve que começar a envolver para a derrocada do domínio da burguesia, do domínio do capital, para a destruição das próprias bases do regime social vigente» (Lênin, obra citada). A Comuna, concebida na revolução, nutria-se da iniciativa direta das massas populares. O segredo da sua força estava em que, em sua essência, era o governo da classe operária. A velha máquina do Estado foi posta abaixo. Surgiu em seu lugar a Comuna,

entidade colegiada em que os antigos poderes legislativo, executivo e judiciário apareciam concentrados num só poder. Para a direção de todos os assuntos do Estado criaram-se 10 comissões, — militar, de relações exteriores, de justiça, do trabalho, etc., — à frente de cada uma das quais estava um membro da Comuna. O trabalho das Comissões era coordenado pelo Comitê Executivo da Comuna, composto de 7 membros. Todos os cargos eram preenchidos por eleição por determinado prazo e os eleitores podiam a qualquer momento revogar o mandato do eleito e substituí-lo por outra pessoa. Nenhum membro da Comuna podia receber mais que os salários normais dos operários e de modo nenhum o seu salário poderia ser superior a 6.000 francos anuais. O exército permanente foi dissolvido, substituindo-se pelo povo armado, pela Guarda Nacional formada de trabalhadores. A igreja foi separada do Estado e a escola foi separada da igreja. Foi proibido o trabalho noturno nas padarias. Foi derrocado o sistema de multas e descontos sobre os salários dos operários. Baixou-se um decreto expropriando todas as fábricas, usinas e oficinas abandonadas ou fechadas pelos patrões e entregando-as aos operários para que fosse recomposta a produção. O povo tinha uma grande participação na atividade da Comuna, apelava-a e

ajudava-a por todas as formas, criticava os seus erros, combatia suas vacilações, sugeria medidas revolucionárias que uma vez aceitas, entrava logo a pôr em prática. Nas assembleias e comícios, a que acorriam milhares e milhares de operários e a gente

de fora, discutiam-se os problemas políticos mais importantes. Os membros da Comuna compareciam a estas e outras reuniões e aí prestavam contas do que estava sendo feito, ficando ao mesmo tempo a par das questões que preocupavam as massas.



Na conferência de Sérgio Magalhães:

MANIFESTAÇÃO DE APOIO NO CLUBE MILITAR À FRENTE NACIONALISTA

Transformou-se num dos acontecimentos políticos de maior significação, na semana que passou, a conferência pronunciada, quinta-feira última no Clube Militar, pelo deputado Sérgio Magalhães. Além de contribuir para o esclarecimento, sobre o problema dos capitais estrangeiros, das várias centenas de oficiais das Forças Armadas, que lotavam completamente as dependências do Clube, a conferência prestou-se para uma eloquente manifestação de apoio e solidariedade à ação da Frente Parlamentar Nacionalista e, em particular, do deputado Sérgio Magalhães.

baseada em tal argumento; neste ponto o Deputado Sérgio Magalhães expôs o teor dos 28 projetos de lei que entregou à Câmara dos Deputados, com o objetivo de dar nova regulamentação e controle sobre os capitais estrangeiros no País.

Expondo de maneira que, ao fim da conferência, seria chamada pelo General Alves de Bastos de «magistral», por sua simplicidade, clareza e objetividade, o conferencista atingiu em cheio os seus objetivos, o que foi demonstrado pela assistência, que o aplaudiu de pé, durante longo tempo, e com indescrevível entusiasmo, quando encerrou sua exposição.

RESPONSABILIDADE DA SUMOC E "VIDRO PLANO"

Particularmente significativa foi, também, a presença do novo Diretor da SUMOC, Sr. Marcos de Sousa Dantas. Foi ele o primeiro a cumprimentar o conferencista, a quem foi aplaudir, pessoalmente, quando ele desceu da tribuna, pelos conceitos que emitira, responsabilizando as passadas administrações da SUMOC por grande parte da política entre-quista oficial até aqui adotada em relação aos capitais estrangeiros.

Durante a conferência, foram recolhidas, na platéia, 195 assinaturas de oficiais para um telegrama de congratulações e apoio à Frente Parlamentar Nacionalista, por sua atuação no caso do inquérito sobre o truste do vidro plano, no qual está envolvido, como «testa-de-ferro» da «Pittsburg Glass Co.», o atual Ministro da Fazenda, Sebastião Paes de Almeida. A menção feita pelo deputado Sérgio Magalhães, nos debates que se seguiram à conferência, a esse inquérito também foi ocasião para uma manifestação maciça e entusiástica da assistência, em apoio aos deputados que resistiram à pressão do governo e não retiraram suas assinaturas do requerimento para o inquérito.

A exposição do conferencista foi repetidamente interrompida pelos aplausos da assistência, que exprimia assim o seu apoio aos conceitos do orador. Assim, foi, por exemplo, na caracterização do novo Embaixador norte-americano, Moore Cabot, como instrumento dos trustes imperialistas, e na veemente condenação da atitude desse Embaixador, intervindo nos negócios internos do Brasil, caracterização e condenação efusivamente apoiadas pelos aplausos da assistência. A crítica ao atual Ministério, «onde atuam representantes diretos dos trustes internacionais», foi igualmente endossada, em aplausos, por toda a assistência.

E' de se ressaltar que não apenas oficiais do Exército compareceram à conferência; contavam-se várias dezenas de representantes da Marinha e da Aeronáutica na platéia. Os Almirantes Paulo da Cunha Rodrigues e Pedro Paulo de Araújo, também presentes, foram convidados para sentar-se à Mesa, pelo Presidente do Clube, General Justino Alves de Bastos, e aceitaram o convite. Foi notada a presença de mais de uma dezena de Generais da ativa do Exército, e um deles representava o Ministro da Guerra. A Mesa, também, foram convidados os Generais Constant Bevilacqua e Horta Barbosa; este último, que teve destacada atuação na luta pelo monopólio estatal do petróleo, desde o seu início, foi efusivamente homenageado pela assistência.

O conferencista foi saudado pelo General Alves de Bastos, que não poupou elogios à figura do homem público e patriota do Deputado, Sérgio Magalhães, e reafirmou a inequívoca posição nacionalista do Clube Militar.

O Deputado Sérgio Magalhães propôs demonstrar três pontos relacionados com o argumento básico usado para justificar a política de atração de capitais estrangeiros no Brasil, qual seja, o de que os capitais estrangeiros vêm atender à carência de capitais existente no País. Os três pontos eram:

- 1) a falsidade do argumento; o conferencista demonstrou-a com abundância de dados, provando que a principal fonte de recursos das empresas estrangeiras no Brasil é a poupança interna brasileira;
- 2) os prejuízos que a aceitação oficial de tal argumento tem causado ao País: o constante desequilíbrio do balanço de pagamentos com o exterior, e a drenagem para o estrangeiro de uma parte substancial dos recursos que, em outras circunstâncias, seriam disponíveis para um programa de desenvolvimento econômico nacional; e
- 3) as medidas necessárias para neutralizar a ação nefasta da política atual.

Plano Carvalho Pinto Não é Planejamento Econômico

APENAS ADMINISTRATIVO - CRÍTICAS DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS

partamento Intersindical e fato de que o plano, embora parte de premissas acertadas quanto ao problema do desemprego, não aponta nenhuma solução concreta. Lembrou, então, como exem-

plimentaria consideravelmente o emprego de mão-de-obra na construção civil.

Depois de apontar algumas deficiências na parte de abastecimento do plano, o sr. José Albertino Rodrigues criticou o fato de que o transporte fluvial, bem mais barato, poderia ser mais bem aproveitado, bastando para isso regularizar as bacias do Tietê, Paraíba, Paranaíba e Pardo.



HOMENAGENS PÓSTUMAS A ESTÓCEL DE MORAIS — Conduzidos por uma comissão composta de conhecidos nomes do movimento comunista, entre os quais Orestes Timbauba, Francisco Gomes, Agostinho de Oliveira, foram trasladados do Cemitério São João Batista, nesta Capital, para o cemitério de Santos (S. Paulo), o falecido no Rio em 1953. Em São Paulo, aos que conduziam a urna fúnebre, incorporaram-se diversos amigos e correligionários do saudoso parlamentar, entre eles os srs. Vilanova Artigas, Armando Mazzo, Aristóteles Ferreira, Lázaro Moreira, além da viúva de Estócel de Moraes, d. Rosália Domingos de Moraes e da vereadora Matilde de Carvalho. Ao ato de sepultamento, num sarcófago do cemitério santista, (foto), compareceram cerca de 300 pessoas, amigos e companheiros de trabalho do ex-deputado, nomes conhecidos no movimento operário em Santos, como o ex-deputado Osvaldo Pacheco. Na ocasião, falaram Orestes Timbauba e Osvaldo Pacheco. Outra homenagem a Estócel de Moraes foi prestada com o emplacamento de uma rua santista, à qual foi dado o nome do combativo líder proletário.

SAO PAULO (De Sucursal) — Realizou-se sexta-feira última uma reunião no Sindicato dos Metalúrgicos para estudar o Plano de Ação Governamental do sr. Carvalho Pinto. Na ocasião o sr. José Albertino Rodrigues expôs o relatório do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, preparado especialmente para a reunião.

Disse inicialmente o sr. Rodrigues que o plano governamental não é de modo algum um planejamento econômico destinado a promover o desenvolvimento da região e do país. Trata-se de mera redistribuição administrativa dos recursos orçamentários sem, entretanto, discriminar a sua aplicação e o funcionamento do próprio plano.

HARMONIZAÇÃO E NÃO AÇÃO EFETIVA

O plano de ação do governador disse o técnico, parte da premissa de que deve apenas harmonizar os interesses econômicos em jogo e não dar combate vigoroso a favor da iniciativa nacional e contra a pressão dos monopólios estrangeiros. A seguir o sr. Albertino Rodrigues analisou aspectos particulares do plano.

No setor da agricultura, disse o Estácio não demonstrou preocupação em desenvolver a policultura, preferindo destinar grandes verbas para a renovação dos cafeeiros. A estrutura dessa planificação se baseia na monocultura do café e no latifúndio.

DESEMPREGO

Criticou o relator do De-



Em cima, o dep Sérgio Magalhães quando pronunciava sua conferência, embaixo, aspecto da numerosa assistência que lotou completamente o salão do Clube Militar

Busca De Novos Mercados: Meta Do Carvão Nacional

Gastamos anualmente cerca de 20 milhões de dólares em importações de carvão; não obstante nessa notória escassez de dólares, estamos ameaçados de ter que aumentar nossas importações desse combustível. Um rápido exame do mercado nacional de carvão permite prever que continuará a diminuir e não grandemente as necessidades brasileiras de carvão metalúrgico, em virtude da criação de novas usinas siderúrgicas e da ampliação de Volta Redonda.

O carvão bruto de Santa Catarina é o único, no Brasil, que pode ser utilizado na fabricação do coque metalúrgico. Mas apenas uma fração de 1/3 pode ser coqueificada, restando frações idênticas de carvão-de-vapor e de rejeito pirítico. Como vemos, quanto maior for a utilização do coque metalúrgico, maior será a quantidade disponível de carvão-de-vapor, para o qual o mercado interno está em franco declínio.

O CARVÃO CATARINENSE E A SIDERURGIA

Grande motivo poderíamos dizer que a meta do carvão nacional é, hoje, a busca de novos mercados — para o carvão-de-vapor — uma vez que a utilização do carvão metalúrgico catarinense sem o aproveitamento da parte correspondente de carvão-de-vapor resultaria excessivamente onerosa. Ademais, o acúmulo de estoques de carvão-de-vapor no R. G. do Sul e em Sta. Catarina chegou a tal nível que a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN) — órgão que tem desde 1933 a missão de planejar e coordenar a produção e o consumo do carvão nacional — foi obrigada, há algum tempo, a aconselhar a contenção da produção.

A crise que ameaça o carvão nacional levou os Sindicatos de Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Santa Catarina, em conjunto com o Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Carvão (patronal), a iniciar uma campanha que visa, principalmente, o aumento do consumo de carvão-de-vapor em todo o Brasil.

A primeira medida proposta para aumentar tal consumo é obrigar a Usina Elétrica de Piratininga, em Ilhópolis, São Paulo, a consumir carvão-de-vapor nacional ao invés do óleo diesel importado. A sugestão não constitui novidade.

Os Trabalhadores...

(Conclusão da 11.ª página) IFE, para tomar conhecimento do resultado das demarques que vinham se processando entre a administração da Rede Ferroviária e os líderes sindicais, com vistas a uma solução para o problema salientado.

Os ferroviários do Distrito Federal, Estado do Rio, Minas Gerais e São Paulo estão com a atenção voltada para esta Capital, onde poderá ser decidida a deflagração da greve.

o próprio ex-presidente da CEPCAN, Gal. Paulo da Veiga, em discurso pronunciado a 3 de julho passado, quando transitou seu cargo ao Eng. Aníbal Alves Bastos, salientou a necessidade de "aumentar nosso potencial energético com base no carvão, ao invés de se utilizar combustível líquido importado em grande número de usinas antieconômicas, movidas com motores "diesel" e não atendendo à solução nacional". Na ocasião, o Gen. Pinto da Veiga destacou entre aquelas "usinas antieconômicas" a de Piratininga, em São Paulo.

A segunda medida proposta é a aceleração da instalação das usinas termelétricas já projetadas e da ampliação das existentes. A campanha dos trabalhadores de Santa Catarina visa, igualmente, chamar a atenção da opinião pública para o problema do carvão nacional que, apesar de sua importância para a criação da indústria de base no Brasil, continua sendo tema pouco discutido e praticamente desconhecido pelo público em geral, e mesmo por grande parte dos economistas.

CARVÃO: GERADOR DE ELETRICIDADE

De fato, o mercado capaz de absorver os excedentes atuais e potenciais de carvão-de-vapor é o setor de eletricidade. Nas ferrovias existe uma nascente retrição do consumo de carvão, em virtude da "dieselização". No setor hidroviário, nos tipos de barco que empregam carvão, também não há perspectiva nem mesmo de manutenção do atual consumo.

As usinas termelétricas, além de aumentarem o potencial elétrico à disposição da indústria e da população, permitem a eletrificação das ferrovias dos Estados carvoeiros (Rio Grande do Sul, Paraíba e Santa Catarina) pelo aproveitamento da matéria-prima local. Conforme estudos feitos pela CEPCAN, a instalação dessas usinas apresenta vantagens econômicas tanto quanto à localização, como quanto ao prazo de instalação e ao custo.

No Rio Grande do Sul já funcionam, com base no carvão, a Usina de S. Jerônimo (do governo do Estado) e a Usina Porto Alegre (particular), cada uma com potência de 20.000 kilowatts. Deviam entrar em funcionamento, ainda este ano, as usinas de Chorrochudas (particular com fonte de financiamento do BNDE) — potência de 54.000 kw. e consumo de 250.000 ton. de carvão — e Candiota (Governo Federal) — potência de 20.000 kw. e consumo de carvão de 60.000 ton. Contudo, o atraso no término desses empreendimentos, ao que tudo indica, obrigará a manutenção da produção de carvão galego, que já ultrapassou 850.000 ton. em 1953, ao nível dos atuais 600.000 tons.

No Paraná, a produção e refinamento pequena (82.000 ton. em 1957), sendo quase inteiramente absorvida nas ferrovias. Contudo, é de grande importância para a economia paranaense a instalação da

USINA Termelétrica de Figueira que este sendo construída pelo Governo Federal em conjunto com o Estadual, e consumirá 90.000 ton. de carvão.

ATRAS NA META DO CARVÃO

O carvão catarinense é indubitavelmente o mais importante, tanto pelo volume da produção, atualmente mantida em menos de 1 milhão e 300 mil ton., como pela possibilidade que apresenta de produção do coque metalúrgico para nossa siderurgia. A procura do carvão metalúrgico será, em 1961, segundo projeção da CEPCAN, de 850.000 ton., assim distribuídas:

- Companhia Siderúrgica Nacional (S) 420.000 t.; Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais 185.000 t.; Companhia Siderúrgica Paulista, 125.000 t.; Companhia de Gás, 60.000 t.; Mineração Geral do Brasil, 50.000 t.; Ferro e Aço de Vitória, 35.000 t.; Usina Barbacena, 25.000 t. Total 850.000 t.

sendo a fração do carvão metalúrgico, como já dissemos, de 30% e no máximo 40% do total, a demanda de 850.000 ton. exigiria o beneficiamento de 2.650.000 ton. de carvão bruto, do que resultaria, também, um mínimo de 740.000 ton. de carvão-de-vapor, a serem aproveitadas, sobretudo, em usinas termelétricas. Em Sta. Catarina só existe em funcionamento, por enquanto, uma pequena usina da Companhia Siderúrgica Nacional (27.000 kw.), que, caso fosse acelerada sua expansão, consumiria, em 1961, 100.000 ton. de carvão. O consumo previsto para as ferrovias, no mesmo ano, é de 210.000 ton., e a grande Usina Termelétrica de Capivari (100.000 kw.), cuja conclusão fora marcada para 1960, já deveria estar consumindo, este ano, 132.000 ton. Contudo, sabe-se que sua construção está em grande atraso.

Também a pequena Usina Termelétrica que a COSIPA pretendia instalar em Sta. Catarina (para iniciar em 1961 consumindo 76.000 ton. de carvão), ao que parece, está enormemente atrasada. Mesmo que os empreendimentos citados estivessem em bom andamento e, de fato, pudessem estar funcionando em 1961, ainda restaria um excesso de 220.000 ton. de carvão-de-vapor, pois que as usinas da CSN, da COSIPA, a de Capivari e as ferrovias totalizariam um consumo de apenas 518.000 ton. de carvão.

O empreendimento idealizado pela CEPCAN, a Usina Eletrosiderúrgica de Santa Catarina (SIDESC), permitiria o aproveitamento desse excedente de carvão-de-vapor, ao mesmo tempo em que atenderia às necessidades de aço da região sul do país. A eletrosiderurgia foi a melhor fórmula encontrada para utilizar maior quantidade de coque metalúrgico nacional e manter, ao mesmo tempo, o equilíbrio entre os consumos de carvão metalúrgico e de vapor. Contudo, apesar de já ter sido enviada ao Congresso mensagem do Presidente da República a respeito desse empreendimento, sua construção não foi sequer iniciada.

COM PALAVRAS E MEIAS MEDIDAS GARESTIA NÃO SERÁ BARRADA

Finalmente, depois de três anos e meio em que se revelou dedicado benfeitor dos exploradores do povo, o cel. Frederico Mindello deixou a COFAP. Antes de sair, porém, regalou os monopolizadores do leite (CCPL, no Rio, VIGOR, em São Paulo, etc) com um aumento legal do produto, uma vez que foi concedido por sete votos apenas, quando a lei que prorrogou a COFAP exige que as decisões sejam tomadas pelo menos por oito votos.

Assumindo a presidência do órgão "controlador de preços", o general Ururui Magalhães manifestou-se violentamente contrário ao aumento da carne e prometeu garantir o abastecimento dentro de uma semana, sem aumento do preço. O caso do leite, entretanto, foi dado por encerrado. Quanto ao feijão, embora o general Ururui seja contrário à sua importação dos E.E.U.U. que vem onerar nossa situação cambial, já começam a chegar ao Brasil partidas do produto provenientes dos excedentes americanos.

Parece, desse modo, que o Governo acredita que pode resolver o problema da alta crescente do custo de vida com medidas de última hora e sem corrigir a política que é a principal causa das enormes dificuldades com que luta o

nosso povo: a política cambial entreguista e a política de proteção aos monopólios e intermediários que dominam o mercado de gêneros de primeira necessidade.

O PORQUÊ DA CARESTIA

E não se diga que o Governo não conhece as causas da carestia de vida. Se não bastassem todas as denúncias formuladas pelos trabalhadores, parlamentares e outros setores, agora é o novo presidente da SUMOC que vem esclarecer a questão. Em seu discurso de posse, o sr. Marcos de Souza Dantas apontou como principal fator inflacionário a lei de tarifas, que reduziu o número de categorias para a importação e exportação, numa clara referência à "reforma cambial a prestações", que vem se operando desde aquela data.

Para comprovar que um dos principais fatores de carestia é a política cambial de proteção nos trustes estrangeiros, mais acentuadamente realizada durante a gestão do entreguista Lucas Lopes no Ministério da Fazenda, desde julho do ano passado basta olhar os quadros que se seguem, elaborados com dados do SEPT.

Média mensal de aumento do custo de vida:

	RIO	S. P.	B. H.
1.º Semestre 1958	1,3%	1,2%	0%
2.º Semestre 1958	2%	1,2%	1,7%
Janeiro - Abril 1959	4%	5,2%	5%

ALKMIN - LUCAS

	RIO	S. P.	B. H.
Setembro 1957-Junho 1958	12%	9%	0,6%
Julho 1958-Abril 1959	23%	25,4%	25%

Como vemos, no Rio, em São Paulo e em Belo Horizonte, como nos outros centros, a situação é uma só, com pequenas variações. Em São Pau-

lo, no segundo semestre do ano passado, a política cambial de Lopes & Cia. funcionou como uma bomba de retardamento, que estourou no

SE ATÉ SEUS MEMBROS APONTAM AS CAUSAS, POR QUE O GOVERNO NÃO AGE? — POLÍTICA A FAVOR DOS TRUSTES E CONTRA O POVO — TRABALHADORES: VÍTIMAS E NÃO CAUSADORES DO AUMENTO DE PREÇOS

PAULO DE LUCCA

início deste ano, acelerando em 4 vezes o aumento do custo de vida. No segundo quadro, num período igual de dez meses, a carestia foi duas vezes maior no Rio, quase três vezes em São Paulo e quase cinquenta vezes maior em Belo Horizonte, onde no primeiro semestre de 1958 tinha chegado a haver uma certa diminuição no custo de vida.

NEGOCISMO

Outro fator, menor que o primeiro, mas ainda muito importante, é o fato de que o Governo não se decidiu a dar verdadeiro combate aos intermediários e monopólios que exploram os pequenos produtores e os consumidores. Bom exemplo foi fornecido pelos exportadores, setor quase inteiramente dominado pelos trustes estrangeiros, do Rio Grande do Sul. Contando certo com a reforma cambial que colocaria a soja para exportação no câmbio livre, manobram com a alta do produto, para dominar o mer-

cado e compensar a pequena elevação no mercado interno com polpidos lucros na exportação. Como a reforma não veio, procuram agora pressionar o Governo no sentido de forçar a passagem da soja para o câmbio livre.

Uma solução para esse caso seria a incentivação do pequeno e do médio produtor rural, mediante assistência técnica e financeira, e a compra por parte do Estado diretamente do produtor e a distribuição pelo próprio Estado. Os planos do Governo neste sentido, como a rede de silos e armazéns, a modificação da política de crédito agrícola, o aperfeiçoamento dos transportes, etc., ficaram no papel, entregues a guarda do "ilustre economista" Danilo Nunes, ex-chefe dos tiras do DOPS e atual presidente da Comissão Coordenadora do Abastecimento.

TRABALHADORES: VÍTIMAS E NÃO CAUSADORES

Para alguns técnicos, outro fator de inflação e de inten-

sificação da corrida dos preços é o que eles chamam de "níveis muito altos" de salário mínimo, de "demagogia salarial", etc. A fim de mostrar que os trabalhadores têm que exigir aumento de salários em vista da elevação do custo de vida, e não vice-versa, citaremos alguns dados obtidos pelos inquéritos econômicos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Em primeiro lugar, verificamos que, nos três últimos anos, a única parcela dos custos dos produtos industriais que sofreu redução proporcionalmente foram os salários. As matérias-primas subiram muito pouco, e as despesas com combustíveis e energia elétrica, graças à política cambial e financeira antinacional de Lopes & Cia., subiram vertiginosamente. Ou, em números, temos o seguinte: Para cada cem cruzeiros de gastos, os salários passaram de Cr\$ 11,90 para Cr\$ 11,30, as matérias-primas de Cr\$ 46,80 a Cr\$ 47,20, os combustíveis de Cr\$ 13,80 para Cr\$ 21,50 e a

energia de Cr\$ 7,20 a Cr\$ 8,50. Em segundo lugar, considerando agora a evolução do salário médio na indústria brasileira, o valor da produção por operário, isto é, o valor da produção total dividido pelo

número de operários empregados, e o salário real médio, isto é, o que o operário pode comprar com seu salário, pode ser elaborado, de acordo com os dados do IBGE, o seguinte quadro:

	Salário médio	Valor da produção por operário	Salário real médio
1955	100	100	100
1956	128	131	98
1957	155	201	98

Vemos assim que, de 1955 a 1957, o salário médio aumentou em pouco mais da metade, o valor da produção por operário dobrou, e o salário real médio dos operários industriais sofreu diminuição. Onde se conclui que os trabalhadores são vítimas da ca-

restia e que o Governo se quer realmente acabar com ela, tem que bater em outras portas, principalmente na política cambial entreguista, nos monopólios e nos intermediários ligados aos latifundiários, que controlam o mercado de produtos agropecuários.

HOMENAGENS A MEMÓRIA DE GETÚLIO



Como sucede todos os anos, o 24 de agosto foi objeto de comemorações populares, nesta Capital. Diante do busto do ex-presidente, colocado na Praça Marechal Floriano (foto) pelo povo carloca horas depois de Vargas ter sido levado ao suicídio, reuniram-se milhares de pessoas, durante todo o dia e à noite. No palanque armado, ao qual foi hasteada uma bandeira nacional, diversos oradores dirigiram-se à assistência sempre renovada, destacando os aspectos mais marcantes da obra de Getúlio Vargas, seu amor ao Brasil e a política que desejou levar à prática de emancipação econômica do país. Também na Câmara dos Deputados, 24 de agosto foi objeto de duas comemorações, uma das quais previamente programada. Os deputados Rui Ramos, Gabriel Hermes e Henrique da Rocha foram os oradores da primeira comemoração, que teve cunho acaloradamente nacionalista. Exaltou o sr. Rui Ramos o mérito de Getúlio ao denunciar à Nação, em termos concretos, em números que talam por si mesmos, a espoliação a que é o Brasil submetido pelos trustes estrangeiros que aqui operam. A comemoração não programada constituiu-se dos discursos dos deputados Barbosa Lima Sobrinho e Osvaldo Filho, sobre o problema da reavaliação do ativo das empresas concessionárias dos serviços de eletricidade. Não apenas os oradores, como diversos aparcantes — entre eles os deputados Sérgio Magalhães, Gabriel Passos, Temperani Pereira e Bocuiva — denunciaram o caráter colonialista da Light, Bond & Share e suas subsidiárias, apontando, ao mesmo tempo, a conduta criminosas de tais empresas, ultimamente revelada, através da descoberta de escritas falsas, utilização de advogados administrativos, etc., sendo nominalmente citados os entreguistas Roberto Campos, Eugênio Gudin e Garrido Torres. O movimento que se processa na Câmara, assinalaram os oradores, visa a desmontar essa máquina infernal dos trustes, que acabou levando Getúlio Vargas ao suicídio.

OS TRABALHADORES NÃO CONCORDAM EM CARREGAR O PÊSO DA CARESTIA

Estivadores, bancários, alfaiates, padeiros, aeronautas, eletricitistas, ferroviários, empregados em hotéis e na construção civil lutam por aumento de salários — Vitoriosos os metalúrgicos e os empregados em moinhos

Refletindo a inquietação e a revolta dos trabalhadores face a elevação brutal do custo de vida, dezenas de sindicatos profissionais, representando mais de meio milhão de operários desta Capital, se encontram empenhados na luta por aumento de salários, como uma forma concreta de aliviar um pouco os efeitos da carestia.

Entre as categorias em luta encontra-se a dos estivadores (50 mil), cujos representantes estão reunidos nesta Capital desde o dia 17 último, reclamando das autoridades a concessão do reajustamento salarial de 27%, esperado há mais de três meses, mas dependendo ainda do Ministério da Viação.

O retardamento da melhoria salarial está causando grande descontentamento entre os estivadores, principalmente do interior, que ameaçam deflagrar uma greve a qualquer momento. Nesse sentido, o líder Jovelino Ferreira, representante dos sindicatos do Rio Grande do Sul e Pelotas, declarou a reportagem que essas entidades deram um prazo até zero hora do dia 26 último para que fosse concedido o aumento, caso contrário trariam de deflagrar o movimento grevista. Dirigentes da Federação Nacional dos Estivadores, por outro lado, vêm procurando apressar os entendimentos junto às autoridades.

BANCÁRIOS QUEREM 45%

Representantes de 130 mil bancários reuniram-se nesta Capital e resolveram iniciar a campanha por 45% de aumento e pela instituição do salário profissional. Nesta sexta-feira, dia 28, serão realizadas assembleias, em vários sindicatos para discutir a execução do plano aprovado pela reunião nacional promovida pela CONTEC.

CONSTRUÇÃO CIVIL E ALFAIATES

Tanto os trabalhadores na indústria de construção civil, cerca de 120 mil, como os alfaiates e costureiros, 35 mil, resolveram, através de seus sindicatos, instaurar o dissídio coletivo visando a conquista do aumento salarial. Os alfaiates lutam por 50%, en-

quanto os trabalhadores em construção civil pleiteiam um aumento máximo de 45% e um mínimo de 25%. Ambas as questões estão em vias de solução.

PADEIROS EM ENTENDIMENTOS

O pedido de 50% de aumento feito pelos 20 mil padeiros desta Capital continua sendo objeto de entendimentos entre os sindicatos de empregados e de empregadores. A opinião dos líderes sindicais é de que em breves dias será firmado o novo acordo entre as duas partes.

AERONAUTAS ESTUDAM

Para discutir sobre o pedido de aumento de 30 a 40% formulado pelos aeronautas, e estabelecer as bases da padronização salarial entre os empregados de todas as empresas de navegação aérea, já está em pleno funcionamento a comissão paritária formada pelos representantes dos Ministérios da Aeronáutica e do Trabalho, do DAC, e dos Sindicatos Nacional dos Aeronautas e Nacional das Empresas Aeroaviárias.

ELETRICISTAS

Os eletricitistas e bombeiros hidráulicos desta Capital vêm lutando pelo aumento de 40% com um mínimo de Cr\$ 2.200,00, a partir de 1 de agosto, e pela instituição do salário profissional, que deverá ser calculado na base de 40% sobre o mínimo da região, ou seja, no caso do Distrito Federal, salário profissional de 8.400,00 cruzeiros.

HOTELEIROS AINDA SEM RESPOSTA

O Sindicato dos Proprietários de Hotéis ainda não respondeu ao pedido de aumento de 40% formulado pelo Sindicato dos Trabalhadores. O último acordo salarial expirou em 16 de junho, e os hoteleiros vêm lutando para estabelecer o novo ajuste a partir daquela data.

VITÓRIA DOS METALÚRGICOS

Os trabalhadores metalúrgicos do Distrito Federal, cerca de 70 mil, acabam de conquistar impo-

rtante vitória, alcançando um aumento salarial de 28%, a partir de 1 de agosto corrente. O acordo foi firmado no dia 20 último nesta Capital, entre representantes de empregados e de empregadores.

MOINHOS DERAM AUMENTO

Através de entendimentos diretos entre os sindicatos dos empregados e dos empregadores na indústria de moagem de trigo, ficou estabelecido um aumento salarial de 32%, a serem calculados sobre os salários de 1958. O novo acordo terá a duração de um ano e entrou em vigor no dia 19 do corrente.

ASSEMBLEIA DOS FERROVIÁRIOS

No próximo dia 31, às 19 horas, os ferroviários da Central do Brasil voltarão a reunir-se na sede da (Conclui na 10.ª página)

Conspiração Anti-Cuba Encontra Repulsa no Brasil

Discurso do deputado Lício Hauer na Câmara

Anunciando a realização de um ato público de solidariedade ao povo cubano, o deputado Lício Hauer, da tribuna da Câmara, pronunciou oportuno discurso. Após conclamar o povo e os parlamentares brasileiros a se associarem ao movimento de solidariedade àquele país irmão, o deputado carloca denunciou as maquinacões que estão sendo feitas pelos trustes norte-americanos e seus espólios — os remanescentes ditadores latino-americanos — para frustrar as aspirações de emancipação econômica do povo cubano. Reportando-se a acontecimentos recentes, a publicações aparecidas nos Estados Unidos, Lício Hauer alertou a opinião pública para o fato de que os monopólios norte-americanos, servindo-se do governo de Washington, prepararam uma nova Guatemala, sob a invocação dos mesmos e desmoralizados pretextos.

TELEGRAMA DE PARLAMENTARES GAUCHOS

Em relação com as ameaças que pesam sobre

a independência e a integridade territorial de Cuba, foi enviado o seguinte telegrama ao Embaixador de Cuba nesta Capital: «Os abaixo assinados, deputados à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, expressam, a V. Excia. a mais alta admiração e simpatia pela heróica luta de seu povo em prol da completa emancipação econômica e política de Cuba. As notáveis conquistas da Revolução Cubana, dentre as quais ressaltam a derrocada do regime terrorista de Fulgêncio Batista, a intervenção disciplinadora do Estado com relação ao capital estrangeiro e a reforma agrária, lançam a derrocada do regime monopolista estrangeiro para os quais o ideal seria a perpetuação do atraso econômico dos povos latino-americanos e do oprobioso sistema de espoliação a que têm sido sujeitos por parte dos monopólios alienígenas. Estamos convencidos, entretanto, de que nos dias atuais (Conclui na 8ª página)

ACHA-SE A VENDA NAS BANCAS E LIVRARIAS O NÚMERO 4 DA REVISTA

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

Contém, entre outras coisas, as seguintes matérias:

- O militarismo alemão e as possibilidades de refreá-lo — O. Bauman
- O desenvolvimento da democracia interna no PCUS — V. Churaiev
- Alguns problemas da guerra e da paz e a posição da Internacional Socialista — H. Pollitt
- Acêrca do "socialismo" social-democrata na Suécia — F. Lager

Crítica de livros e revistas, cartas e notas sobre o movimento operário internacional

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXEDI — O Poeta Vaquêro

Favela do «Canta Galo»,
Meu cumpade Zé Maria:
Cá no Rio de Janeiro
Tudo ormenta dia a dia.

Essa sumana passada
Eu dici mais Frorishela
E fumo vê as vidraça
Mais Donato fio dela.

Um quilo de feijão preto
Custa cinquenta cruzêro!
Cinco cruzêros um ovo!
O povo matando o povo
Nesse País brasileiro.

No froco das avinida
Dispôs da prêmira esquina
Parô fio, mãe e pai,
Pra vê cinema a retai:
Coisa lindra! Gente final!

O Congresso vota às lei
O povo num arrespeita.
Repartição federá
Seguem a merma receita,
Ispilorando sem dó
A gente qui tá sujeita.

Vi no vido do aparêi
O niversaro dum gato
Quanto cumê pititoso
Praquele bicho do mato!
Curria água, meu cumpade,
Da boquinha do Donato.

Pagam três e oitocentos
No salaro de seis mi.
Dispôs do novo ordenado
Tudo danou-se a subi.
A carne vai s'acabá...
Eu num sei mermo o qui há
No comerço do Brasí.

Um bôlo cum quato vela
No meio da prataria.
As moça bejando o gato
Na mão das aligria!
(Mais vale sê gato nobe
De que sê fio de pobe).
Meu sentimento dizia.

As nossas arturidades
Perdero a força que tinha.
Custa quihentos cruzêro
U'a franga de galinha.

Benção pru meu afiado
E pra vocês meu abraço.
O cumpade sofrêdo:
Manezin dos Anastaço.



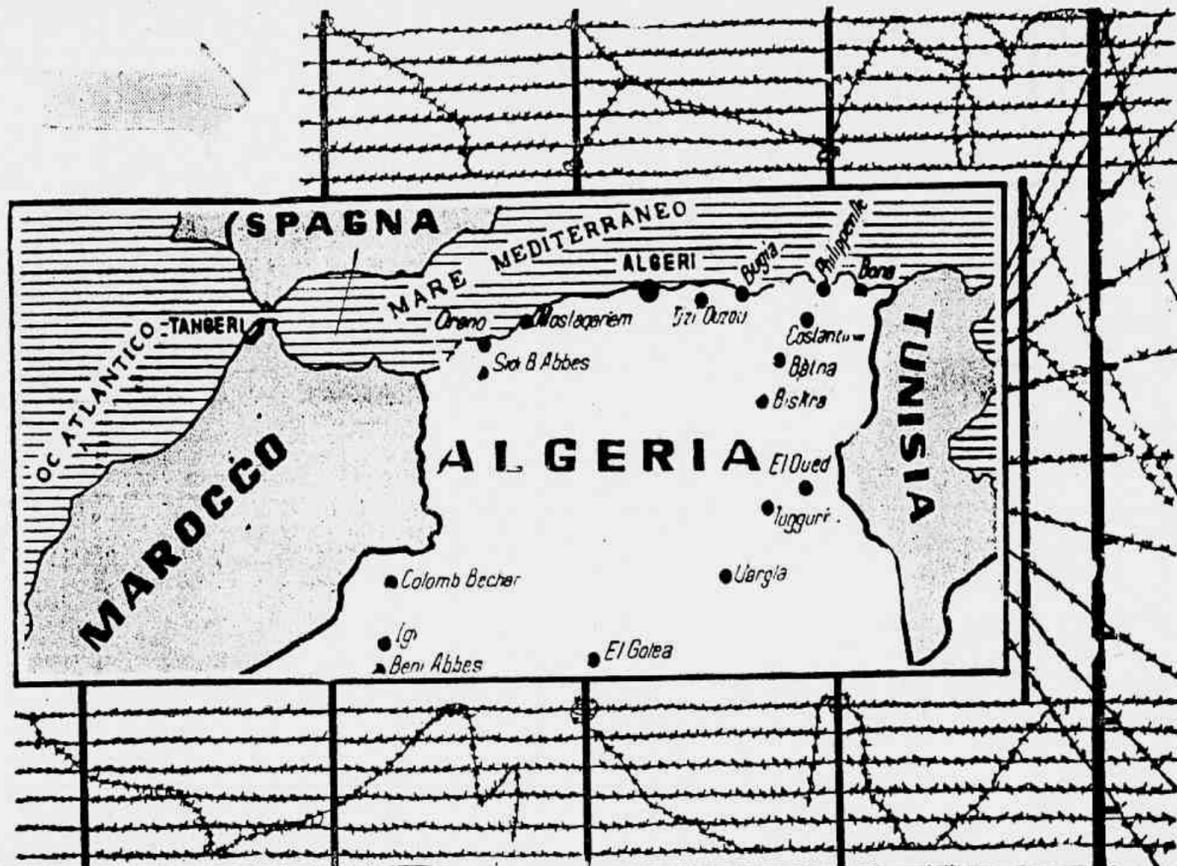
CIENTISTAS SOVIÉTICOS REGRESSAM

— Depois de uma semana no Brasil, em São Paulo e no Rio, regressaram à Europa os cinco cientistas soviéticos que participaram do Congresso Internacional de Fisiologia realizado em Buenos Aires. Os cientistas soviéticos encontraram entre nós a mais calorosa acolhida, sobretudo nos meios médicos. Obteve grande sucesso uma palestra que realizaram no Ministério da Educação sobre os progressos da Fisiologia na União Soviética. Nessa oportunidade despertou particular atenção um filme com que ilustraram sua exposição. A ampla sala do Ministério ficou repleta de médicos e estudantes, todos demonstrando vivo interesse. Recepcionados em várias residências, cumprindo um amplo programa de visitas a lugares pitorescos do Rio, os cientistas soviéticos participaram, finalmente, na ABI, de um simpósio, que teve igual êxito. Os médicos soviéticos deixaram no Brasil, tanto no Rio como em São Paulo, um grande círculo de amizades que contribuirão para o estreitamento das relações culturais entre o Brasil e a URSS. Médicos brasileiros foram convidados a visitar a União Soviética a fim de conhecerem os ramos da ciência em que são especializados. Na foto, os cientistas soviéticos ao embarcarem de volta ao seu país, no aeroporto do Galeão.



QUE DIZ A ISSO O SR. MALRAUX?

— O sr. André Malraux já foi um homem que lutou «pela liberdade». Preferiu encarnar em suas obras o «humanismo» francês. Hoje, o Ministro da Cultura do governo do general De Gaulle não só assiste impassível aos crimes praticados pelos colonizadores franceses na Argélia, como se torna conivente com esses crimes. Em nosso número anterior mostramos alguns aspectos da guerra colonial na Argélia. Hoje, podemos acrescentar alguns dados impressionantes. Um milhão de argelinos se encontram atualmente em campos de concentração. Milhares deles passaram por câmaras de torturas, tribunais militares e outros foram sumariamente fuzilados. A terrível realidade dos campos de concentração da Argélia apenas começa a ser conhecida no mundo. As tropas coloniais francesas isolam-nos a sete chaves: sob armas e cercas eletrificadas. Um sacerdote francês, o reverendo Rodhain, que visitou a Argélia, disse: «Eu mesmo estive lá... E descobri que se trata de um milhão de seres humanos, sobretudo mulheres e crianças... A grande maioria deles, especialmente as crianças, padecem fome. Eu vi. E o provo». Outros testemunhos já surgiram e foram perseguidos pelos autoridades francesas. Alleg foi um dos que sofreram os suplicios da polícia colonial na Argélia. Seu livro foi apreendido, mas o testemunho ficou. Depois veio «La Gangrène», de jovens argelinos, hoje mundialmente conhecida. Agora é um sacerdote. Que diz a isso o Ministro Malraux?



“NOITES DE MOSCOU” NO BRASIL

— O Conjunto Farroupilha, consagrado intérprete de músicas nacionais e estrangeiras, integrou a caravana de artistas brasileiros que no ano passado divulgou com grande êxito nossa música popular na União Soviética e na China Popular. Acaba agora o Conjunto Farroupilha de gravar em discos Columbia a melodia “Noites de Moscou”, que tanto sucesso vem obtendo no rádio e na televisão do Rio e de São Paulo. Também Jorge Goulart tem apresentado “Noites de Moscou” em nosso rádio. A gravação é feita parte em português e parte em russo, sendo o arranjo e a letra em português de autoria de Inah Bangel, esposa do compositor e maestro Tasso Bangel. Na foto, os componentes do Conjunto Farroupilha, Tasso Bangel, Inah Bangel, Danilo Castro e sua esposa Estrela D'alva de Castro, ao lado de Jorge Goulart e Nora Ney, na Praça Vermelha de Moscou.